

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ANA MILES DE SOUZA BELÉM**

**ANÁLISE DOS VERBOS IRREGULARES *PERDER* E *VALER*, NA 1ª PESSOA  
DO SINGULAR, DO PRESENTE DO INDICATIVO E DO SUBJUNTIVO, SOB  
A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA, NA ESCRITA  
DOS MORADORES DA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE COARI  
(AMAZONAS)**

**MESTRADO EM LETRAS**

MANAUS-AM  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ANA MILES DE SOUZA BELÉM**

**ANÁLISE DOS VERBOS IRREGULARES *PERDER* E *VALER*, NA 1ª PESSOA DO SINGULAR, DO PRESENTE DO INDICATIVO E DO SUBJUNTIVO, SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA, NA ESCRITA DOS MORADORES DA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE COARI (AMAZONAS)**

**MESTRADO EM LETRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas, como exigência para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Paiva Chain

MANAUS-AM  
2021

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B454a	<p>Belém, Ana Miles de Souza</p> <p>Análise dos verbos irregulares perder e valer, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e do subjuntivo, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas). / Ana Miles de Souza Belém . 2021 96 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientador: Soraya Paiva Chain Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Sociolinguística; . 2. Variação morfológica; . 3. Verbos perder e valer.. 4. Escrita.. I. Chain, Soraya Paiva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## ANA MILES DE SOUZA BELÉM

**“Análise dos verbos irregulares Perder e Valer, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas)”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

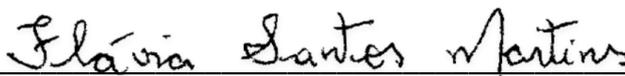
Aprovada em 10 de novembro de 2021.

### BANCA EXAMINADORA:



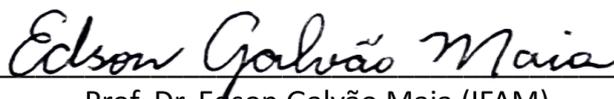
---

Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM)



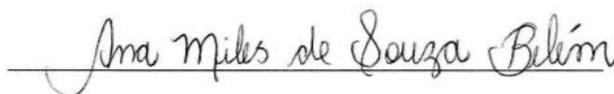
---

Profa. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM)



---

Prof. Dr. Edson Galvão Maia (IFAM)



---

Mestranda Ana Miles de Souza Belém.

Esta pesquisa é dedicada ao meu pai, Odair José Menezes Belém, à minha mãe, Terezinha de J. de Souza Belém, que me amam incondicionalmente. Dedico ainda aos meus irmãos, Renan e Ruhan; às minhas irmãs Michele e Mislane; aos meus cunhados Débora Anne e Viziomar Fernandes; e, por último, porém não menos importante, dedico aos meus sobrinhos Ramon Victor, Sophia, Josué Henrique e ao Gabriel. Juntas essas pessoas representam o que de mais valioso tenho na vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem Ele eu não seria nada;

Ao Allan Júnior, por me acompanhar durante toda essa trajetória;

À minha irmã, Mislane Belém, por nunca me recusar ajuda;

À minha doguinha, Tokyo, por entrar em minha vida numa fase em que precisei de amor desinteressado;

À minha tia, Maria de Jesus, a tia Dijé, por ter sido responsável por mim e minha irmã Michele, nas reuniões escolares, no Fundamental II, no período em que meus pais trabalhavam na agricultura para garantir o sustento;

Aos meus amigos Atacildo Fontes, João Paulo, Rosicleia, Alícia Vasquez, Gerlane, Ítalo, Diana Martins e Gleisiane Cortezão, por exercerem diversos papéis em minha vida, inclusive o papel de psicólogos;

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela oportunidade por mim tão sonhada;

Às minhas colegas/amigas de mestrado Lauriane, Francisca e Geysel, por dividirem comigo seus conhecimentos e a paixão pelos estudos sociolinguísticos;

À minha orientadora, querida professora Soraya Chain, por ser ótima profissional e, acima de tudo, humana;

À minha querida professora Flávia Martins, por me ensinar a navegar nos dados das variáveis linguísticas e extralinguísticas;

Ao professor Edson Maia, por aceitar contribuir com minha pesquisa;

Ao professor, Leonard, por seus preciosos esclarecimentos acerca do PPGL;

Aos 24 informantes que aceitaram participar da minha pesquisa, pelo simples prazer de colaborar com a ciência.

Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Disso tenho plena certeza. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir. (Salmos 139:14-16)

ANA MILES DE SOUZA BELÉM

**ANÁLISE DOS VERBOS IRREGULARES *PERDER* E *VALER*, NA 1ª PESSOA DO SINGULAR, DO PRESENTE DO INDICATIVO E DO SUBJUNTIVO, SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA, NA ESCRITA DOS MORADORES DA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE COARI (AMAZONAS)**

Manaus, 10 de novembro de 2021

**Membros da Banca de Qualificação**

---

Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM) – orientadora.

---

Prof. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM) – membro.

---

Prof. Dr. Edson Galvão Maia (IFAM) – membro.

---

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM) – suplente.

---

Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira (UFAM) – suplente.

## RESUMO

Esta pesquisa trata de um estudo variacionista de cunho morfológico e tem como objetivo geral analisar os verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas). Os objetivos específicos são: i) Conhecer as possíveis variantes que compõem a 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, dos verbos irregulares *perder* e *valer*, pertencentes à 2ª conjugação; ii) Descrever quais os grupos de fatores extralinguísticos influenciam o uso de uma ou outra variante da variáveis investigadas; iii) Discutir se a variação no uso dos verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo na escrita dos moradores de Coari (AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança por meio da observação do tempo aparente (faixa etária). O aporte teórico que embasou este estudo foi o da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]). O *corpus* foi formado por dados escritos obtidos por meio de pesquisa de campo que teve como instrumento para a coleta dos dados aplicação de Questionário. A amostra foi constituída por 24 informantes estratificados de acordo com a faixa etária (18 a 35 anos, 35 a 56 anos e 56 anos em diante), escolaridade (nível médio e graduados/especialistas) e sexo (homem e mulher). Foram controladas as seguintes variáveis independentes extralinguísticas: escolaridade, sexo e faixa etária a fim de compreendermos a realização da P1IdPr e da P1SbPr, dos verbos irregulares *perder* e *valer*. Os dados foram submetidos à análise estatística por meio do programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Encontraram-se como resultados gerais, para as variáveis binárias, as variantes dos verbos irregulares *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, o total de 309 dados. Dispostos em porcentagens, tem-se: para o verbo *perder*, na P1IdPr, a variante *perco*, o equivalente a 87,9% e 12,1% para a variante *perdo*; para o verbo *perder*, na P1SbPr, obteve-se 88,9% para a variante *perca* e 11,1% para a variante *perda*; para o verbo *valer*, na P1IdPr, obteve-se 52,6% para a variante *valho* e 47,4% para a variante *valo*; para o verbo *valer*, na P1SbPr, obteve-se 44,2% para a variante *valha* e 55,8% para a variante *vala*. De forma geral, os resultados apontam para o uso condicionante dos grupos de fatores extralinguísticos entre as formas variantes consideradas ‘padrão’ e ‘não padrão’. Assim, diante dos resultados, espera-se, com esta pesquisa, contribuir para o avanço dos estudos sociolinguísticos do país e principalmente da região norte do estado do Amazonas.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; variação morfológica; verbos *perder* e *valer*; escrita.

## ABSTRACT

This research is a variationist study of morphological nature and has as purpose to analyze the irregular verbs *perder* and *valer*, in the 1st person singular, of the present tense and subjunctive, according of Variationist Sociolinguistics, in the writing of residents of the urban area of the city of Coari (Amazonas). The specific purposes are: i) Know the possible variants that constitute the 1st person singular, the present tense and the subjunctive, of the irregular verbs *perder* and *valer*, belonging to the 2nd conjugation; ii) Describe which groups of extralinguistic factors influence the use of one or another variant of the investigated variables; iii) Discuss if the variation in the use of irregular verbs *perder* and *valer*, in the 1st person singular, oh the present tense and the subjunctive in the writing of residents of Coari (AM) constitutes a stable variable or is it in the process of change through observation of apparent time (age group). The theoretical contribution that supported this study was the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 2008 [1972]). The *corpus* was formed by written data obtained through field research that used the questionnaire as an instrument for data collection. The sample consisted of 24 informants stratified according to age group (18 to 35 years, 35 to 56 years and 56 years on), schooling (high school and graduates/specialists) and sex (male and female). The extralinguistic independent variables were controlled: schooling, sex and age group in order to understand the performance of P1IdPr and P1SbPr, the irregular verbs *perder* and *valer*. Data were subjected to statistical analysis using the *Goldvarb X* statistical program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The general results found, for the binary variables, the variants of the irregular verbs *perder* and *valer*, in P1IdPr and P1SbPr, respectively, a total of 309 data. The percentage results were: for the verb *perder*, in P1IdPr, the variant *perco*, equivalent to 87.9% and 12.1% for the variant *perdo*; for the verb *perder*, in P1SbPr, 88.9% was obtained for the variant *perca* and 11.1% for the variant *perda*; for the verb *valer*, in P1IdPr, 52.6% were obtained for the variant *valho* and 47.4% for the variant *valo*; for the verb *valer*, in P1SbPr, 44.2% was obtained for the variant *valha* and 55.8% for the variant *vala*. In general, the results point to the conditioning use of the groups of extralinguistic factors between the variant forms considered 'standard' and 'non-standard'. Thus, given the results, this research is expected to contribute to the advancement of sociolinguistic studies in the country and especially in the northern region of the state of Amazonas.

**Keywords:** Sociolinguistics; morphological variation; verbs *perder* and *valer*; writing.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Estilos contextuais.....	26
Figura 02 - Modelo de conjugação do verbos .....	30
Figura 03 - Estrutura verbal.....	31
Figura 04 - Localização da cidade de Coari (AM).....	48
Figura 05 - UFAM-ISB Campus Coari (AM).....	49
Figura 06 - IFAM Campus Coari (AM).....	49
Figura 07 - Vista aérea da cidade de Coari (AM).....	51
Figura 08 – Catedral de Santa Ana em Coari (AM).....	51

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Recorrência de alguns <i>alomorfes</i> em alguns tempos e modos verbais.....	34
Quadro 02 – Padrão especial do verbo <i>perder</i> .....	37
Quadro 03 – Padrão especial do verbo <i>valer</i> .....	37
Quadro 04 – <i>Estratificação social</i> dos informantes em Coari (AM).....	45
Quadro 05 – As <i>possíveis variantes</i> das variáveis investigadas.....	52
Quadro 06 – Codificação das <i>variáveis dependentes</i> .....	52
Quadro 07 – Grupo de fatores extralinguísticos <i>sexo</i> .....	52
Quadro 08 – Grupo de fatores extralinguísticos <i>faixa etária</i> .....	54
Quadro 09 – Grupo de fatores extralinguísticos <i>escolaridade</i> .....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Resultado geral dos verbos perder e valer, na P1IdP e na P1SbP, respectivamente.....	55
Gráfico 02 – Frequência da variante <i>perco</i> (P1IdPr), segundo a <i>faixa etária</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	58
Gráfico 03 - Frequência da variante <i>valer</i> (P1SbPr), segundo a <i>faixa etária</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	68

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Resultado geral da variável <i>perder</i> , na P1IdPr, a escrita de moradores de Coari (AM).....	56
Tabela 02 – Frequência e probabilidade da variante <i>perco</i> (P1IdPr), segundo a variável <i>faixa etária</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	57
Tabela 03 – Frequência e probabilidade da variante <i>perco</i> (P1IdPr), segundo a variável <i>sexo</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	58
Tabela 04 – Resultado geral da variável <i>perder</i> , na P1SbPr, na escrita de moradores de Coari (AM).....	60
Tabela 05 – Frequência e probabilidade da variante <i>perca</i> (P1SbPr), segundo a variável <i>escolaridade</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	61
Tabela 06 – Resultado geral da variável <i>valer</i> , na P1IdPra escrita de moradores de Coari (AM).....	62
Tabela 07 – Frequência e probabilidade da variante <i>valho</i> (P1IdPr), segundo a variável <i>sexo</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	64
Tabela 08 – Correlação entre as variáveis <i>sexo e escolaridade</i> quanto à variante <i>valho</i> , na P1IdPr, na escrita de moradores de Coari (AM).....	64
Tabela 09 – Correlação entre as variáveis <i>sexo e faixa etária</i> quanto à variante <i>valho</i> (P1IdPr), na escrita de moradores de Coari (AM).....	65
Tabela 10 – Resultado geral da variável <i>valer</i> , na P1SbPr, na escrita de moradores de Coari (AM).....	66
Tabela 11 – Frequência e probabilidade da variante <i>valha</i> (P1SbPr), segundo a variável <i>sexo</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	67
Tabela 12 – Frequência e probabilidade da variante <i>valha</i> (P1SbPr), segundo a variável <i>faixa etária</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	68
Tabela 13 – Correlação entre as variáveis <i>faixa etária e sexo</i> quanto à variante <i>valha</i> , na P1SbPr na escrita de moradores de Coari (AM).....	69
Tabela 14 – Frequência e probabilidade da variante <i>valha</i> (P1SbPr), segundo a variável <i>escolaridade</i> , na escrita de moradores de Coari (AM).....	69
Tabela 15 – Correlação entre as variáveis <i>escolaridade e sexo</i> quanto à variante <i>valha</i> , na P1SbPr, na escrita de moradores de Coari (AM).....	70

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 A Sociolinguística Variacionista .....</b>	<b>14</b>
1.1.1 A língua como um sistema heterogêneo e ordenado .....	19
1.1.2 A variação estilística.....	23
1.1.3 Norma padrão, norma culta e norma não padrão.....	27
<b>1.2 O fenômeno em estudo.....</b>	<b>30</b>
1.2.1 Verbo: o padrão especial.....	35
1.2.2 O que dizem alguns gramáticos normativos acerca dos verbos irregulares <i>perder e valer</i> .....	38
<b>1.3 Objetivos, questões e hipóteses .....</b>	<b>41</b>
1.3.1 Objetivo geral.....	41
1.3.2 Objetivos específicos.....	41
1.3.3 Principais questões.....	41
1.3.4 Principais hipóteses.....	42
<b>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>43</b>
<b>2.1 A pesquisa de campo.....</b>	<b>43</b>
2.1.1 O perfil dos informantes.....	44
2.1.2 Os procedimentos de geração de dados: o Questionário e o tratamento quantitativo.....	46
2.1.3 O perfil sócio-histórico da cidade de Coari (AM).....	48
<b>2.2 A variável dependente e as variáveis independentes.....</b>	<b>51</b>
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 Perder, na P1IdPr .....</b>	<b>56</b>
3.1.1 Os grupos de fatores extralinguísticos .....	57
<b>3.2 Perder, na P1SbPr .....</b>	<b>60</b>
3.2.1 Os grupos de fatores extralinguísticos .....	61
<b>3.3 Valer, na P1IdPr.....</b>	<b>62</b>
3.3.1 Os grupos de fatores extralinguísticos .....	63
<b>3.4 Valer, na P1SbPr .....</b>	<b>65</b>
3.4.1 Os grupos de fatores extralinguísticos .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>

<b>CRONOGRAMA</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
<b>ANEXO 1:</b> Ficha do Informante.....	79
<b>ANEXO 2:</b> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	80
<b>ANEXO 3:</b> <i>O Corpus</i> .....	82
<b>ANEXO 4:</b> O Questionário Morfossintático.....	83
<b>ANEXO 5:</b> Transcrição Grafêmica e Codificação <i>mulher</i> .....	84
<b>ANEXO 6:</b> Transcrição Grafêmica e Codificação <i>homem</i> .....	88

## INTRODUÇÃO

De acordo com Coelho *et al.*, (2012, p. 16), foi nos meados do século XX que “começaram a germinar as sementes que viriam posteriormente [...] florescer e dar frutos no terreno fecundo da área de estudos da linguagem que ficou conhecida como Sociolinguística”, porém, foi com William Labov, 1960, que a Teoria da Variação e Mudança linguística conquistou cenário no que tange ao aspecto social da língua. Labov evidenciou em suas pesquisas a heterogeneidade e a sistematicidade a partir de uma metodologia de pesquisa para lidar com dados de fala.

No Brasil, os estudos sociolinguísticos foram impulsionados a partir da obra sobre a metodologia da Sociolinguística Variacionista publicada por Tarallo (1982). Nesse cenário, mesmo já havendo diversos trabalhos de cunho sociolinguístico, a apresentação da metodologia laboviana feita por Tarallo foi fundamental para o desenvolvimento de pesquisas variacionistas no país.

Muitas são as pesquisas realizadas com o intuito de descrever, analisar, entre outros objetivos, quais regras variáveis são agregadas à língua que falamos e, não obstante, de quais maneiras a variação linguística é/ou pode ser influenciada por condicionadores de natureza linguística e/ou de natureza extralinguística.

Tanto na região Norte quanto no país como um todo, muitos são os trabalhos desenvolvidos nos diversos níveis de análises linguísticas como: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico, lexical e discursivo. Todavia, os trabalhos de cunho morfológico sob a perspectiva variacionista voltada para a classe dos verbos irregulares ainda são muito recentes e quiçá escassos. Embora sejam autores que não fundamentam esta pesquisa, vale ressaltarmos a importância de alguns pesquisadores desta região que aderiram à metodologia variacionista, como: Corrêa (1980), com o tema “O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves” e Cruz (2004) com o Atlas Linguístico do Amazonas; Campos (2009) com a tese “O açamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas”; Martins (2010) com a dissertação que tem como tema “A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas” e F. Martins (2013) com a tese “Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)”.

Ao considerarmos as informações supracitadas, nossa inquietação epistemológica nos conduziu a pensar em uma análise morfológica sincrônica sobre o uso dos verbos

irregulares *perder* e *valer* na fala dos munícipes de Coari (Amazonas). Ao pesquisarmos sobre o tema, com o intuito de fundamentarmos uma pesquisa destes moldes, não foi possível nos embasarmos em pesquisas com o mesmo fenômeno analisado. No entanto, deparamo-nos com outras pesquisas com foco na variação e com a mesma abordagem metodológica variacionista, como os estudos de Labov (2008 [1972], em que o autor analisa dados de fala no uso dos ditongos /ay/ e /aw/, na ilha de Marth'as Vineyard, em Massachusetts e sua pesquisa sobre “A estratificação social do (r) nas lojas de departamento de Nova York”. Em seus estudos, Labov (2008 [1972]) descreve tanto o processo de análises de variáveis independentes linguísticas quanto de variáveis independentes extralinguísticas.

Referente a esta investigação, direcionamos nossa pesquisa para a análise dos verbos irregulares *perder* e *valer* na escrita dos moradores de Coari (Amazonas), com foco nos grupos de fatores condicionantes externos à língua. Quanto aos dados coletados na escrita dos moradores para os verbos na 1ª pessoa do singular do tempo presente dos modos indicativo e subjuntivo dos verbos *perder* e *valer*, estes foram obtidos partir da aplicação do Questionário (cf. p. 87), contendo 20 perguntas distribuídas entre as formas verbais, na PIdPr e P1SbPr.

De acordo com Mattoso Câmara (2015 [1970]) p. 111), os verbos irregulares são verbos que, ao serem conjugados, apresentam alteração em seu radical e/ou têm alguma desinência diferente em seu paradigma daquela do verbo conhecido como verbos de padrão geral, ou verbos regulares.

Desse modo, a fim de descrevê-los, conforme a norma ‘padrão’ da língua, recorreremos, nesta pesquisa, a gramáticos como Cunha e Cintra (2017), Azeredo (2014) e Bechara (2009, 2008, 2002). Ao que se refere à gramática descritiva, optamos por fundamentar o fenômeno em estudo com base, principalmente, nos conceitos de Mattoso Câmara (2015 [1970]), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002). Sob o olhar da Sociolinguística, optamos por fundamentar este estudo em autres como Labov (2008 [1972], WLH (2006 [1968]), Tarallo (2007), Naro (2007, 2008) e outros.

Quanto aos verbos em estudo, para Mattoso Câmara (2015 [1970]) p. 111), são verbos que devem ser entendidos “como um desvio do padrão geral morfológico, que não deixa de ser regular, no sentido de que é suscetível a uma padronização”. Para Koch e Silva (2012), assim como para Mattoso Câmara, o que acontece, no entanto, é que os desvios, apresentados nos verbos de padrão especial, ou seja, nos verbos irregulares,

podem ser padronizados, de maneira a se chegar a pequenos grupos de verbos que apresentam padrões comuns, sendo, portanto, explicáveis.

Referente ao *locus* desta pesquisa, a escolha da cidade de Coari, no Amazonas, se justifica pelo fato de ser a cidade natal onde esta pesquisadora mora, onde estudou até o Magistério e onde atua como professora estatutária nas redes estadual e municipal de ensino. Como falantes do português dessa região, percebemos a alternância com que falamos algumas palavras na referida cidade, em especial em relação aos verbos em investigação. Esse comportamento linguístico dos falantes coarienses sempre nos fez questionar sobre as razões que impulsionavam o uso de algumas formas variantes.

O *corpus* utilizado nesta investigação é formado por dados escritos, coletados por meio da pesquisa de campo através da aplicação de Questionário, realizada na cidade de Coari (zona urbana) entre os meses de agosto e outubro de 2020.

Para investigar a variação das formas verbais *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, na fala dos moradores da zona urbana do município de Coari (AM), sob o olhar da Teoria da Variação e Mudança Linguística, analisamos a escrita, do *corpus* da pesquisa de campo, de 24 informantes, assim estratificados: *faixa etária* (18 e 35 anos, 36 e 55 anos e acima de 56 anos); *escolaridade* (médio e graduado/especialista) e *sexo* (homem e mulher). Ressaltamos que foi utilizado o programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) para a realização da análise dos dados.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica adotada nesta pesquisa, a saber: i) A Sociolinguística Variacionista; os conceitos de variação e mudança, variante e variável, a variação estilística e a norma padrão, norma culta e norma não padrão; ii) O fenômeno em estudo: Verbo: o padrão geral e o padrão especial; o que dizem alguns gramáticos normativos acerca dos verbos e iii) os objetivos, questões e hipóteses.

No segundo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos. A pesquisa de campo: o perfil dos informantes selecionados; os procedimentos de geração e análise dos dados e o perfil sócio-histórico da cidade de Coari, Amazonas. Apresentamos também, a variável dependente e as variáveis independentes.

No terceiro capítulo, temos as discussões e as análises dos resultados, de acordo com o programa computacional *Goldvarb X*. Em seguida, temos as considerações finais, o cronograma, as referências e os anexos.

Em suma, ao realizarmos esta pesquisa, esperamos obter conhecimento a respeito da variedade linguística em Coari (AM) e contribuirmos para o conhecimento da área

Sociolinguística no Brasil, sobretudo, acerca da variação dos verbos irregulares *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, na escrita dos moradores do município de Coari (AM).

## CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo tratamos de questões que fundamentam a análise e a pesquisa realizada. No primeiro momento, abordamos as definições base da Sociolinguística, pois a análise dos fenômenos aqui em estudo é pautada nessa teoria. No segundo momento, discorreremos acerca das formas verbais *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr. Respectivamente. No terceiro momento, apresentamos os objetivos, as questões e as hipóteses desta pesquisa.

### 1.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança define seus axiomas teórico-metodológicos a partir da publicação da obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* de Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]). O conceito de que as línguas mudam através do tempo e de que elas mudam também de maneira sistemática, foram conceitos já presentes no século XIX. Nesse cenário, acreditamos que há o prenúncio da Sociolinguística, definindo “a língua como uma realidade inerentemente variável e como uma realidade inerentemente ordenada” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 13). Todavia, os estudos que giram em torno da ideia de homogeneidade *versus* heterogeneidade são antecedentes à obra dos autores supracitados.

Meillet, discípulo de Ferdinand Saussure (1857-1913, *apud* CALVET 2002 [1993], p. 14), cita que a língua, ao ser separada das interações sociais, estaria sendo privada da realidade. Ao tecer essa crítica, Meillet coloca-se contrário às ideias postuladas no livro *Curso de Linguística Geral*, publicado por alunos de Saussure em 1916. De acordo com Calvet (2002 [1993] p. 15), são claras as contradições entre Meillet e as ideias postuladas na obra *Curso de Linguística Geral*: “Enquanto Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; enquanto Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história” (CALVET, 2002 [1993], p. 15).

Ao que podemos observar, muitas são as divergências entre Meillet e Saussure. “Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém: para ele não se chega a

compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história” (CALVET, 2002 [1993], p. 15).

Ensaando os primeiros passos em direção ao que mais tarde foi denominado como Sociolinguística Variacionista ou como Teoria da Variação e Mudança, “Meillet foi a primeira voz a reagir contrariamente ao pensamento presente no Curso que deu bases ao Estruturalismo” (FARIAS, 2020, p. 20). Ao criticar Saussure, Meillet, de acordo com Calvet (2002 [1993], p. 17), “não deixa de *desejar* que se leve em conta o caráter social da língua”, pensamento que posteriormente ganhou força na obra de William Labov (2008 [1972]).

Ainda conforme Calvet (2002 [1993]), autores como Nicolai Marr (1864-1934), Mikhail Bakhtin (1895-1975) e outros, também discutiram acerca do caráter da língua. Nesse contexto, Basil Bernstein também contribui para os estudos sociolinguísticos ao considerar a situação sociológica dos falantes. Segundo Calvet (2002 [1993], p. 26), Bernstein “partira da constatação de que as crianças da classe operária apresentam uma taxa de fracasso escolar muito maior que as crianças das classes abastadas”. Para o autor, o domínio dos códigos linguísticos tem relação direta à classe social do falante. Bernstein diz que, os falantes (as crianças) menos favorecidos (as) apresentam maior dificuldade na formulação de frases, pois dominam somente o que o autor nomeou de *código restrito*, ao passo que os falantes (as crianças) oriundas de ambientes mais favorecidos dominam tanto o *código restrito* quanto o *código elaborado*, ou seja, não apresentaram dificuldade em realizar atividades de mesmo grau de complexidade. Com essa tese, Bernstein cita que “a estrutura social determina, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos” (CALVET, 2002 [1993], p. 27).

No cenário direcionado para a teoria de caráter sociolinguístico, vemos que surge William Labov com a pesquisa voltada para a fala dos negros americanos, tecendo, a partir daí, críticas a respeito da teoria de Bernstein ao dizer que o autor não descrevia de fato códigos, mas estilos, deixando de apresentar verdadeiramente uma teoria descritiva (CALVET, 2002 [1993], p. 27). No que se refere aos estudos sociolinguísticos, de acordo com Calvet (2002 [1993], p. 33), foi a partir dos anos de 1970 que esses estudos conquistaram cenário a partir de algumas publicações, entre elas *Sociolinguistics*<sup>1</sup> e *Sociolinguistics, an Introduction*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> J.B. Pride, J.Holmes, *Sociolinguistics*, Harmondsworth, Midd., Penguin Books, 1972.

<sup>2</sup> Peter Trudgill, J.Holmes, *Sociolinguistics*, Harmondsworth, Midd., Penguin Books, 1974.

Com a temática *estratificação social* do (r) em lojas de Nova York em 1966, Labov retoma a teoria de Meillet ao compactuar com a ideia de que a linguagem deve ser analisada e estudada a partir do ambiente social que compõe uma comunidade linguística. Apesar de compactuarem nas ideias, Labov se destaca por trabalhar “continuamente com situações contemporâneas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa, [...] de suas pesquisas nascerá a corrente conhecida pelo nome de “linguística Variacionista”. (CALVET, 2002 [1993], p. 33).

Em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado, William Labov mostrou que os aspectos extralinguísticos são fatores pontuais no processo de variação e mudança da língua (FARIAS, 2020). No livro *Padrões Sociolinguísticos* (LABOV, 2008 [1972]), o autor destaca em seu estudo na ilha de *Martha's Vineyard*, Massachusetts, em 1962, as diferentes pronúncias do primeiro elemento dos ditongos (ay) e (aw) (como em ‘*right*’ e ‘*house*’, respectivamente) relacionando-o às características sociais dos habitantes da ilha. Essas características são conhecidas na pesquisa sociolinguística como fatores condicionadores extralinguísticos. Nesse sentido, Labov (2008 [1972], p. 21) declara que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Labov (2008 [1972]) percebeu que os ditongos poderiam ser pronunciados de formas diferentes. Segundo o autor, havia a pronúncia centralizada (a conservadora) falada pelos moradores e a não centralizada (inovadora), falada pelos turistas.

A ilha de *Martha's Vineyard* é dividida em *Up-Island* (Ilha Alta), área rural, e *Down-Island* (Ilha-Baixa), área com características urbanas, onde viviam cerca de  $\frac{3}{4}$  de uma população de 5.563 habitantes. As etnias eram de origem indígena, de origem portuguesa e de origem inglesa. Para sua pesquisa, Labov desconsiderou os turistas que visitavam a ilha durante o verão (LABOV, 2008 [1972], p. 23).

As variantes dos ditongos (ay) e (aw) foram observadas por Labov por meio da observação da interação descontraída entre os falantes (a fala casual); por meio de questionários (sendo observado o envolvimento emocional do participante da pesquisa); por meio de entrevista (metodologia que permite que o informante tenha cuidado com sua fala); e por meio da leitura (leitura de uma história em voz alta). Participaram da pesquisa 69 nativos de diferentes regiões da ilha de *Martha's Vineyard*. Eram 40 *up-islanders*

(oriundos da Ilha Alta) e 29 *down-islanders* (oriundos da Ilha Baixa). Para este estudo, Labov controlou a ocupação dos informantes, sendo 14 pescadores, 8 agricultores, 6 construtores, 19 comerciantes, 3 autônomos, 5 mulheres donas de casa e por fim, 14 estudantes. A pesquisa contou com 42 descendentes de ingleses, 16 descendentes de portugueses e 9 descendentes de nativos local (LABOV, 2008 [1972], p. 32).

Ainda para a mesma pesquisa, Labov (2008 [1972]) também controlou grupo de fatores como *idade* e *sexo/gênero* dos informantes. Foram considerados também os seguintes grupos de fatores linguísticos: (i) ambiente fonético; (ii) fatores prosódicos; (iii) influência estilística; e (iv) considerações lexicais. Vale observarmos que os condicionadores linguísticos, na pesquisa realizada em *Martha's Vineyard*, foram apontados como pouco ou não significativos, indicando que os resultados atrelados à estratificação social dos informantes podem ser bem mais importantes que os fatores linguísticos.

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 41), quanto ao grupo de fatores extralinguísticos *faixa etária*, o grupo que mais favoreceu a centralização dos ditongos (ay) e (aw) foi o grupo de informantes dos 31 aos 45 anos. No que se refere ao grupo de fatores 'ocupação', os pescadores da região *Up-Island* (área rural) foram os que mais apresentaram a centralização. Outro grupo de fator considerado foi 'etnia'. Nesse grupo, o destaque ficou entre os descendentes de ingleses.

Apesar da ilha de *Martha's Vineyard* estar passando, naquela ocasião, por grandes transformações econômicas e sociais, a região de *Chilmark*, na *Up-Island*, conserva a pesca como sua principal ocupação. Com o crescimento do turismo naquela região o crescimento geográfico e cultural era notório. Diante deste cenário, surgiram dois grupos: um que tentava preservar sua cultura e identidade e o outro que não se importava com as mudanças. Em seu estudo, Labov (2008 [1972]) teve resultados também amparados na identidade e na atitude dos falantes com relação à ilha. Aqueles que buscavam preservar sua identidade com moradores da referida ilha centralizam mais os ditongos /ay/ e /aw/; aqueles que foram considerados "neutros" ou eram adeptos às mudanças apresentaram pouca centralização ou quase nenhuma. Labov também observou entre os jovens descendentes de famílias inglesas que aqueles que almejavam deixar a ilha centralizavam pouco ou não centralizavam os ditongos (ay) e (aw), ao passo que os jovens que queriam permanecer na ilha centralizavam muito mais.

Nesse sentido, observamos que o estudo de Labov (2008 [1972]) mostra-nos a grande influência que as motivações sociais apresentam sobre a língua.

Sob a ótica da variação e sua relação com o contexto social, no que tange aos estudos da língua, Labov (2008 [1972]) apresenta seu estudo na cidade de Nova Iorque, *The social stratification of (r) in New York city department stores*. A pesquisa se refere à estratificação social do (r), nas lojas de departamento de Nova York. Com o intuito de investigar a variável presença/ausência de (r) em posição pós-vocálica (*car, card, four, fourth etc*), Labov optou por 3 lojas com diferentes estratificações sociais. Sendo a primeira *Sacks* (classe média alta), *Macy's* (classe média baixa) e *S. Klein* (classe baixa). O autor investigou todas as ocorrências e as ausências de (r) em posição pós-vocálica na expressão *fourth floor*. Diferente da coleta realizada em Martha's Vineyard, Labov utilizou anotações para a coleta de dados. Essas anotações aconteciam no momento das intervenções. Ele ia até as lojas frequentadas e através de suas perguntas, esperava a seguinte resposta: “no quarto andar” (*fourth floor*, em inglês), era a informação de que o autor precisava para a análise. Com esse estudo, Labov percebeu que a estratificação do (r) estava diretamente ligada à *classe social* do falante. Os resultados foram os seguintes: os atendentes negros de baixa renda não pronunciavam o (r), pois grande parte desses atendentes atuavam na loja *S. Klein*, onde a presença do (r) era menos frequente. A loja de *status* superior foi a que mais apresentou a variante de prestígio, seguido, então, pela loja *Macy's*. ainda neste estudo, Labov observou, também, que os falantes das classes menos privilegiadas faziam uso da hipercorreção ao tentarem falar a variante de prestígio, ou seja, faziam esforço de maneira inconsciente para alcançar a variante prestigiada.

Segundo Labov, a presença do (r) apresentou números significativos na loja de *estratificação* social alta: os resultados mostraram 62% entre os empregados da *Sacks*; 51% entre os funcionários *Macy's* e apenas 21% na *Klein*, mostrando, assim, a ausência da variante (r) como a mais frequente entre esses últimos funcionários. De maneira geral, podemos dizer que os resultados referentes ao uso do (r), mais uma vez, estão atrelados aos fatores sociais da língua, visto que quanto mais alto o nível socioeconômico da loja, mais frequente foi o uso do (r), quanto mais baixo o nível, menos frequente foi o uso. Dessa forma, entendemos que a variante de prestígio entre os nova-iorquinos estava na variante em que os falantes apresentam o (r) em posição pós-vocálica, enquanto a variante conservadora e estigmatizada estava na ausência de (r).

Desse modo, entendemos que a Sociolinguística se preocupa com o estudo de fenômenos linguísticos que não são categóricos, ou seja, se preocupa com fenômenos que estejam em variação. Sob essa perspectiva, veremos abaixo, a noção de língua como

sistema heterogêneo e ordenado, bem como noções acerca dos termos variação, variante e variável nos estudos sociolinguísticos.

### 1.1.1 A língua como um sistema heterogêneo.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), apresentaram fundamentos empíricos com a intenção de ver os estudos da linguagem sob nova perspectiva, e poderem, dessa forma, atestarem a língua como um sistema heterogêneo e também ordenado. Para isso, reuniram evidências de dados empíricos de pesquisas realizadas na área de geografia linguística, através de estudos do contato entre línguas e também através de dialetos e do estudo voltado para as variedades urbanas.

WLH (2006 [1968]) conseguiram, a partir desses estudos, a observação real de como a língua é, sem interpretações realistas. Segundo os autores, “estes estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WLH, (2006 [1968]), p. 99).

Com a observação dos dados empíricos, os autores propuseram problemas que poderiam ser solucionados a partir do estudo da variação e da mudança linguística. Foram os problemas: problema de restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação.

O primeiro deles, o *problema das restrições* ou *problema dos fatores condicionantes*, conforme WLH (2006, p. 121), procura entender quais seriam as condições possíveis para o processo de variação e/ou mudança em uma língua. Para entendermos o funcionamento da variação nos verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas), tentaremos observar esse problema ao controlarmos os grupos de fatores extralinguísticos que estão favorecendo ou restringindo a variação.

O segundo deles, o *problema do encaixamento*, apoia-se na ideia de que nenhuma mudança acontece por acaso, visto que uma variação se encontra encaixada na estrutura linguística e na estrutura social. Labov (2008 [1972]) postula que o problema do encaixamento está ligado à ideia de covariação, tanto em aspectos intra quanto em aspectos extralinguísticos. A esse respeito, WLH (2006 [1968], p. 123) afirmam que “a estrutura mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de

fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura”.

O terceiro deles refere-se ao denominado *problema de transição*. Segundo os referidos pesquisadores, essa questão busca identificar como uma forma entra no sistema linguístico, investigando todos os estágios intervenientes de um processo de mudança. Nesta pesquisa, observaremos, em especial, como as variantes dos verbos irregulares *perder* e *valer* estão distribuídas no que se refere à *faixa etária*, porque isso poderá nos mostrar se os resultados encontrados apresentam uma variação estável ou se a variação indica que as variantes estão possivelmente em fase de mudança indicando para um possível desaparecimento ou não de uma ou outra variante.

Concernente ao estudo da mudança em tempo aparente, Naro (2008) expõe duas posições: uma denominada clássica, a mais bem vista entre os teóricos e outra que explica a mudança da língua do falante com o passar dos anos.

A primeira teoria postula que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” (NARO, 2008, p. 44). Dessa forma, segundo o autor, a mudança no nível gramatical do falante tende a não ser tão expressiva. O autor segue justificando que as possíveis mudanças não se dariam de forma corriqueiras. Naro (2008, p. 44) explica que sob a hipótese atual clássica,

o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada ‘gradação etária’. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real.

Entendemos, a partir da posição do autor, que a relação entre mudança e idade é um processo “de mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias” (p. 46).

Quanto a segunda posição teórica, o autor explica que é possível encontrarmos um processo de variação estável que pode ser revelado através do padrão curvilíneo das faixas etárias. Para explicar esta hipótese, Naro (2008) parte do estudo da variável {-ng} em *Norwich*, na Inglaterra. O estudo que traz resultados referentes às realizações dentais, se dá no momento da vida em que

diminuem as pressões sociais do círculo imediato de amigos do adolescente e aumentam os contatos ditados por necessidade profissionais ao entrar efetivamente no mercado de trabalho. Nesta nova etapa da vida, os valores da sociedade começam a se impor e o círculo social se alarga com novos contatos. Finalmente, ao se retirar do mercado de trabalho quando da aposentadoria, as pressões da sociedade e do mercado deixam de agir (NARO, 2008, p. 47-48).

Assim, ao passo que a hipótese clássica vislumbra estabilidade do sistema linguístico do falante e instabilidade no ambiente de fala à medida que tempo for passando, a segunda hipótese vislumbra mudança no sistema linguístico do falante, porém, não na comunidade.

A respeito da mudança em tempo aparente, Labov (1994) diz que se deve olhar a gradação etária de maneira multivariada em que se possa levar em conta o efeito de outros fatores sociais. A esse respeito, Labov realizou um estudo da centralização do ditongo /aw/ na Filadélfia e ao considerar o fator social *ocupação*, os resultados mostraram que os informantes da faixa etária intermediária (30 a 39 anos) se destacaram consideravelmente em relação às faixas etárias de 15 a 29 anos e que os de 70 anos. Para Labov (1994), o grupo intermediário (30 a 39 anos) e o grupo dos mais velhos (70 anos) são os grupos ocupacionais que impulsionam a mudança

O quarto problema postulado por WLH (2006 [1972]) é o *problema de avaliação* fator considerado poderoso na determinação da mudança linguística é a atitude social do falante. Nesse problema, é observado como as mudanças podem ser “avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (carga funcional) e na ampla gama de fatores não linguísticos envolvidos na fala”. (COELHO *et al.*, 2010, p. 103). Referente à carga funcional de segmentos que fazem parte das mudanças, é possível categorizar condições que favorecem e condições que não favorecem a mudança linguística. Dentro deste conceito, quando uma forma é prestigiada, ela é favorável socialmente e quando uma forma é estigmatizada, ela é desfavorável socialmente. O que nos faz entender que “a avaliação da mudança linguística pelos membros da comunidade de fala se dá pelo seu significado social – prestígio ou não. A atitude social quanto à língua pode ser um fator poderoso na determinação da mudança linguística”. (COELHO *et al.*, 2012, p. 103).

Ainda sobre o problema da avaliação, segundo WLH (2006 [1968], p. 124),

correlatos subjetivos da mudança linguística são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação desse correlato aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança.

Desse modo, devemos observar os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua.

O quinto e o último é o *Problema de implementação (ou atuação)*. Consoante ao que foi discutido neste estudo, notadamente entendemos que o processo de mudança de uma língua se dar algumas motivações e restrições tanto em aspectos sociais quanto estruturais. Neste aspecto, este problema visa a investigação da implementação da mudança e procura explicar por que a mudança se dá, ou não, em certos contextos linguísticos e/ou se dá, ou não, em certos ambientes. A implementação pode ser explicada, a partir dos resultados de fatores linguísticos. Contudo, é possível que todos os esclarecimentos referentes à “implementação da mudança só possam ser fornecidas depois do fato ocorrido, *a posteriori* – quando a mudança é completada, ou seja, quando a forma nova (ou o traço novo) deixa de ser variável e passa a ser constante” (COELHO *et al.*, 2010, p. 5).

Não observaremos esse problema nesta pesquisa, uma vez que a implementação poderá ser mais bem observada quando a mudança já estiver concretizada.

Acerca do mecanismo da mudança linguística, WLH (2006 [1968]) elencam alguns princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança:

- 1) A mudança linguística se inicia quando a generalização de uma dada alternância em um certo subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de diferenciação ordenada, isto é, não é uma deriva aleatória; 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui formas categóricas e formas variáveis. O domínio de uma língua pressupõe o controle das regras que regem tais formas; 3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade; 4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é nem uniforme nem instantânea. A generalização envolve a correlação de mudanças ao longo do tempo e aparece refletida em diferentes áreas do espaço geográfico; 5) As gramáticas nas quais a mudança linguística ocorre são gramáticas da comunidade de fala. Devido ao fato de as estruturas variáveis contidas no sistema serem determinadas por funções sociais, não é possível falar em gramáticas individuais; 6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo. Ela não está confinada a etapas discretas dentro da família. Toda e qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade de fala. É muito mais do que o resultado de diferenças de geração (entre pai e filho); 7) Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações apenas de um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico (COELHO *et al.*, 2012, p. 106-107).

Dessa maneira, apesar de haver ideia de que heterogeneidade caracteriza ausência de regras, ideia difundida pelos estudos imanentes da língua (Estruturalismo e Gerativismo), entendemos que a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, havendo, portanto, regras. A respeito desse assunto, Labov (2008 [1972], p. 238) afirma que “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais [...]”, em outras palavras, a heterogeneidade é característica da língua. Dessa forma, se concebermos a língua como um sistema homogêneo, um dos pressupostos teóricos do Estruturalismo e do Gerativismo, observaremos somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes e se concebermos a língua como um sistema heterogêneo veremos que ao lado de regras categóricas, existem também regras variáveis (COELHO *et al.*, 2012, p. 24).

Enfim, pretendemos mostrar, com esta pesquisa, que os possíveis casos de variação na escrita dos verbos irregulares *perder* e *valer*, ambos em P1IdPr e P1SbPr, não é caótica, mas que resulta de um sistema de variação sistemático e que podem ainda ter fatores sociais atuando de maneira significativa nesse processo. É como diz Labov (2008 [1972], p. 291) “[...] não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística”.

### 1.1.2 A variação estilística

Bortoni-Ricardo (2004) postula que nenhum falante apresenta um estilo único de fala, porém, no ato comunicativo, buscará se adequar à situação de comunicação em que se encontra. Ou seja, conforme os pressupostos postulados pela autora, o que determinará as escolhas linguísticas do falante são os domínios sociais a que o este falante estará sujeito na vida em comunidades de fala, ressaltando que o uso da língua também estará propício ao que é socialmente aceitável. Segundo a autora, nesse processo de comunicação, deve-se considerar que em alguns momentos o uso da língua irá requer práticas sociais de letramento e em outros momentos essa mesma prática demandará adequações à cultura da oralidade, ou seja, dependendo do contexto de comunicação, pode-se usar estilos mais ou menos formais. É na capacidade do falante de se adequar as diferentes situações de comunicação que a variação estilística se apresenta e é nesse cenário que o indivíduo varia seu repertório linguístico. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 23)

Um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas, dependendo da situação em que se encontra. Basta pensarmos que a maneira como falamos em casa, com nossa família, não é a mesma como falamos em nosso emprego, com o chefe. O que está em jogo aí são os diferentes “papéis sociais” que as pessoas desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes “domínios sociais”: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc. Os papéis sociais que desempenhamos vão se alterando em conformidade com as situações comunicativas (entre professor e aluno, patrão e empregado, pais e filhos, irmãos etc). Esses papéis sociais são “um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] e são construídos no próprio processo da interação humana”.

Em relação à análise dos verbos perder e valer em P1IdPr e P1SbPr, considerando que, em consonância com Marcuschi (2003) é possível conceber o contínuo de monitoração estilística nos gêneros orais e escritos, podendo estes serem mais monitorado, como em produções acadêmicas, na escrita, por exemplo, ou em uma conferência, na modalidade oral, por exemplo, e; ao menos monitorado, como um bilhete, por exemplo, na escrita ou em uma conversa espontânea ao telefone, na fala. (um bilhete, uma carta pessoal) na escrita, ou (uma conversa espontânea ou telefônica) na fala.

Dessa maneira, com fundamentos em Rodrigues (1996), que faz referência à “propriedade” na expressão falada e escrita sendo mais importante que a correção, Faraco (2008, p. 166) menciona que

é postulado que devemos considerar clássico na percepção que os linguistas têm do funcionamento sociolinguístico da língua e que decorre, em especial, da evidência da variação estilística, isto é, do fato de que os falantes não são monoestilísticos, mas alteram a forma da sua expressão, adaptando-a às circunstâncias. Em consequência não há em língua um padrão absoluto de correção (válido para todas as circunstâncias), mas apenas padrões relativos às diferentes circunstâncias (daí os linguistas afirmarem que a “propriedade” é mais importante que a correção).

Ainda a esse respeito, de acordo com as primeiras discussões feitas por Labov (2008 [1972]), o falante se expressará de diferentes formas a depender do contexto social em que se encontra, a depender do grau de formalidade da situação, a depender do assunto abordado ou do seu interlocutor, em outras palavras, não há falante de estilo único. Para Labov (2008 [1972], p. 313), a variação estilística é definida como “[...] as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato de fala.”

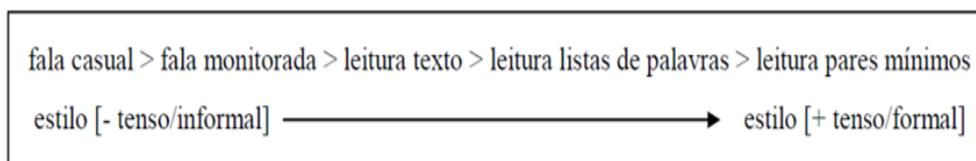
Assim como não há um estilo único no falante, também não há repertório linguístico imutável, ou seja, o repertório de um indivíduo sempre estará em renovação. Faraco (2017, p. 37) diz que

A entrada no universo da cultura escrita e o envolvimento com as práticas sociais de leitura e escrita não só ampliam exponencialmente o conhecimento, como também o acesso e o domínio das variedades linguísticas que são consideradas socioculturalmente mais próprias à língua escrita ou correlacionadas com todo o universo da cultura escrita (FARACO: 2017, p. 37).

Segundo Calvet (2002, p. 103), ao relacionar o uso de diferentes variáveis a um espaço social ou estilístico a que os sujeitos quanto falantes de uma língua estão condicionados “num caso a utilização dessa ou daquela forma (variante) é inconsciente, involuntária, mas ela nos indica algo sobre a categoria social do falante, no outro ela é consciente, voluntária e nos diz algo sobre o falante que utiliza a língua”. A esse respeito, para Labov (2008 [1972]), a depender do objetivo da comunicação, são os diversos significados sociais que condicionam o uso de uma ou outra variante em diferentes contextos comunicacionais. Assim, esses significados sociais poderiam ser mais flexíveis padronizados ou mais flexíveis, interferindo quer fosse na forma, quer fosse nos sentidos. Para tal, a Sociolinguística emprega o termo “fatores condicionantes”, ou seja, fatores que irão conduzir e/ou restringir as escolhas linguísticas do falante.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), os fatores do discurso, como as relações de poder a que os sujeitos estão submetidos, por exemplo, são apresentados como uma alternância de estilos que irá ser conduzida pelo ambiente onde se encontra o interlocutor, o próprio interlocutor e ao assunto da conversa. A autora segue dizendo que com um mesmo interlocutor a alternância de estilos pode ocorrer por meio de pistas que possam norteá-los na transposição do tópico da conversa. Coagulando de Bortoni-Ricardo, Koch (2002, *apud* COELHO *et al.*, 2012, p. 160) explica que “a competência sociocomunicativa leva os falantes/ouvintes à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais”. Ou seja, fica a critério do falante expressar-se linguisticamente de acordo com a comunidade de fala e, especificamente, à situação comunicativa em que se encontra.

Nessa perspectiva, o autor mostra em algumas de suas pesquisas a investigação de um fenômeno através de até cinco contextos dependendo do grau de atenção prestado à fala, a saber: Contexto A – *fala casual*, Contexto B - *situação formal*, Contexto C – *estilo de leitura*, Contexto D – *leitura de palavras* e Contexto E – *leitura de pares mínimos*. O autor divide esses contextos através de um *continuum* estilístico que vai do estilo menos monitorado (informal) até o mais monitorado (formal), de acordo com o representado na Figura 1.

**Figura 1** – Estilos contextuais

Fonte: Coelho *et al.*, (2015)

Dessa maneira, os estilos contextuais podem ser organizados ao longo de uma proporção medida pelo grau de monitoramento da fala.

Para Labov (2008 [1972]), o estilo está intimamente ligado ao grau de atenção prestado à fala. Por exemplo: quanto menor o monitoramento do falante em relação à sua fala, como em uma conversa casual, por exemplo, mais informal será em sua fala, ao passo que em situações tidas como mais monitoradas, como na leitura de texto, por exemplo, o falante tende a desenvolver uma fala mais formal. Nesse aspecto, assuntos que pedem posicionamento do falante tendem a apresentar maior grau de monitoramento e refletem usos mais formais, caso que pode acontecer no *Contexto B*, citado por Labov (2008 [1972]), ao passo que os assuntos que despertam emoção, por exemplo, são menos monitorados sendo, assim, mais informais. Coelho *et al.* (2015, p. 105) corroboram essa ideia ao dizerem que “quando os informantes vão comentar sobre fatos da própria língua, sua fala se torna mais cuidada”.

E com base na premissa laboviana, o instrumento de coleta de dados escolhido em uma investigação sociolinguística, dependerá do fenômeno investigado e do que se pretende atingir.

Nesta pesquisa, focamos no *Contexto B*, uma das situações controladas por Labov em algumas de suas pesquisas, já que obtivemos nossos dados a partir de um questionário objetivo, adotando, assim, um estilo mais monitorado do que seria uma fala casual.

Ressaltamos, ainda, que nosso questionário foca explicitamente no fenômeno investigado o que acaba proporcionando maior monitoramento do falante sobre a forma em estudo (perguntas a respeito dos verbos *perder* e *valer* nos usos na P1IdPr e P1SbPr, (cf. Anexo, p. 87). Além disso, nossos dados são da modalidade escrita da língua, o que confere ainda mais formalidade.

Enfim, nas pesquisas que contemplam a relação entre variação linguística, estilo, avaliação e sujeitos, cabe-nos levar em conta tais relações e como o sujeito se comporta em relação a elas. Nesse entendimento, não pretendemos buscar essa avaliação, mas

deixarmos abertos o entendimento que um ou outro resultado obtido por este estudo possa ter sofrido ou não monitoramento no ato da participação dos informantes.

### 1.1.3 Norma padrão, norma culta e norma não padrão.

De acordo com o que vimos acerca da Sociolinguística, observamos que nenhuma língua é homogênea, mas uma realidade dotada de heterogeneidade. Desse modo, entendemos que é partir da busca de se explicar a heterogeneidade da língua que surge o conceito de norma.

Para Faraco (2008, p. 40), norma “é o conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação”. Isto é, a norma linguística se caracteriza pelo conjunto de usos e atitudes dispensados à língua numa determinada comunidade, segundo o autor. Ainda nesse sentido, entendemos que uma língua se constitui a partir de normas como: as normas de comunidades urbanas e rurais, as normas que caracterizam o modo de falar dos mais escolarizados, a norma pertencente aos grupos mais velhos, as normas que são usadas pelos jovens das periferias etc. Na fala do autor, é possível compreendermos também que pertencemos a mais de uma comunidade de fala, dessa feita, cabe-nos dizer que dominamos mais de uma norma, visto que dificilmente conseguiremos separar uma norma da outra.

Para o autor supracitado, o conceito de norma-padrão, no Brasil, se originou no século XIX, quando uma parte da sociedade, a elite dominante, idealizou uma nação branca e com características europeias. Esse grupo social tentou “neutralizar e controlar a variação linguística” (FARACO, 2002, p.40) ao descartar a variedade multicultural e dialetal que formava a população brasileira. Nesse cenário, a ‘norma-padrão’ é necessariamente uma variedade da língua (FARACO, 2008), mas, um modelo criado paralelamente entre uma ideia almejada e uma teoria, conforme Bagno (2007a, *apud* FARACO, 2008, p. 73).

Assim, entendemos que a norma padrão é carregada de preconceitos em relação às demais variedades e tem como objetivo – como o próprio nome diz – a padronização da língua, considerando tudo o que é diferente a ela como errado. Essa norma favorece a permanência de uma política linguística monolíngue, pois “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em

sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 73).

No que diz respeito à norma culta, Faraco (2008, p. 71) a designa como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, ou seja, a forma como determinado falante mais escolarizados de determinada língua comumente fala ou escreve em situação de uso em que se dispensa mais atenção à fala ou à escrita (mais monitoramento).

Segundo o autor, a norma culta ganhou prestígio em razão do seu contexto sócio-histórico e não por possuir propriedades gramaticais superiores. Para ele, a norma mais monitorada não representa a língua, porque primeiro: as mudanças no seio linguístico são variedades que “nunca alteram a plenitude estrutural de nenhuma das variedades da língua”; e “segundo: porque língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades” (FARACO, 2008, p. 71).

A respeito dessa modalidade da língua, no Brasil, tem-se em mente que as pessoas formadas no Nível Superior são as únicas que falam a norma culta (BAGNO, 2002; LUCCHESI, 2002). Não é incomum que algumas pessoas pensem que são cultos somente aqueles falantes de façam uso da norma culta, dada a expressão “culto” no termo “norma culta”. Nesse sentido, Faraco (2002) leva-nos a entender que tal ideia deve ser desconstruída ao dizer que, conforme já mencionado, o termo norma culta se refere à variedade utilizada pelos falantes que possuem mais contato com a “cultura escrita”, sendo esta a razão do vocábulo culto ser utilizado.

Faraco (2008) afirma que uma língua não é apenas uma unidade da linguagem, mas que esta é formada por um grupo de variedades, sendo, portanto, uma entidade cultural e política. Essa concepção de língua dada pelo autor vai ao encontro da definição de norma estabelecida por Coseriu (1973, *apud* CARVALHO, 2003, p. 65) que define essa expressão como aquela de “como se diz” e não a de “como se deve dizer”. Nesse viés, podemos considerar norma como um conjunto de características linguística que caracterizam a maneira como comumente falam as pessoas de uma comunidade, e não regras que determinem como se deve falar (FARACO, 2008).

Quanto à norma não padrão, Coelho *et al.* (2015, p. 19) explicam que esta forma tende a sofrer estigmas social, ao passo que a forma padrão goza de prestígio social. Os autores dizem que a variante não padrão se afasta das *variedades cultas* da língua. A esse respeito, Tarallo (2007, p. 11) ratifica dizendo que Labov, em seu estudo dos

ditongos na ilha de *Martha's Vineyard*, chegou à conclusão de que "a variante conservadora, não padrão e estigmatizada é a forma linguística mais forte dentro da comunidade".

Ao considerarmos o valor social atribuído às variantes, é característica da Sociolinguística fundamentar esses conceitos. Bagno, por exemplo, propõe três aspectos para os conceitos de (1) norma padrão, (2) norma culta e (3) norma não padrão:

[...] de um lado, (1) a norma-padrão, isto é, o modelo idealizado de língua “certa” descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa – e que de fato não corresponde a nenhuma variedade falada autenticamente e, em grande medida, tampouco à escrita mais monitorada –, e, de outro lado, como extremos de um amplo continuum, (2) o conjunto das variedades prestigiadas, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural, e (3) o conjunto das variedades estigmatizadas, faladas pela imensa maioria da nossa população, seja nas zonas rurais, seja nas periferias e zonas degradadas das nossas cidades, onde vivem os brasileiros mais pobres, com o menor acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos de seus direitos mais elementares. (BAGNO, 2015, p.12-13)

Para Faraco (2008), as normas linguísticas, independentes de quais sejam, possuem organização. Dessa forma, entendemos que toda norma possui gramática. Para ele (FARACO, 2008, p. 36), tal fato “põe igualmente sob suspeita a própria noção de erro em língua. Se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma”

Para Coelho *et al.* (2015, p. 65), quem faz uso das variedades não padrão ou estigmatizadas acabam sendo vítimas do preconceito linguístico ao dizerem que

Essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do preconceito linguístico em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que marginalizemos os falantes que fazem uso dessa construção. Uma das contribuições da Sociolinguística é justamente a de desmascarar esse argumento: incontáveis pesquisas já constataram que não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas sejam melhores ou mais corretas do que as outras, ou que o uso de uma ou outra tenha qualquer relação com a capacidade cognitiva do falante.

Segue daí, portanto, que o julgamento (ou em termos mais claros, o preconceito) é social. Dizer que tal pessoa ou tal grupo é inferior porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social. (COELHO *et al.*, 2015, p. 65).

Desse modo, compreendemos nas palavras Coelho *et al.*, (2015), que ocorre uma séria confusão entre o ato de julgar o que um falante diz (a língua) e o papel social do próprio falante (os grupos de fatores extralinguísticos).

## 1.2 O fenômeno em estudo

Nesta seção, serão abordados os verbos irregulares *perder* e *valer*, ambos na primeira pessoa do singular, do tempo presente, do modo indicativo e subjuntivo. Apresentaremos conceitos e algumas explicações sobre os referidos verbos, a partir dos autores Mattoso Câmara (2015), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002).

Quanto ao padrão geral dos verbos, Monteiro (2002, p. 101) diz que esta classe morfológica apresenta “duas partes: uma invariável e outra sujeita ao mecanismo flexional”. Nos verbos, a tonicidade pode sair da Vogal Temática quando os verbos se flexionam e tem como função marcar a conjugação verbal a que pertencem, conforme ilustrado na figura abaixo:

**Figura 2** – Modelo de conjugação dos verbos

	<b>Doravante</b>	<b>Exemplificação por vogal temática</b>
Conjugação (CI)	CI	Louv- <i>a</i> -r
Conjugação (CII)	CII	Diz- <i>e</i> -r
Conjugação (CIII)	CIII	Part- <i>i</i> -r

Fonte: a própria autora

Para Basílio (2004, p. 52), a “classe dos verbos é talvez a mais privilegiada no que respeita a uma definição pelo critério morfológico, dada a riqueza e particularidade da flexão verbal”. Assim, o verbo, às vezes, é definido exclusivamente em termos de sua caracterização morfológica.

Para Mattoso Câmara Jr., assim como para Monteiro (2002),

As 2 noções gramaticais de tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número do sujeito, que a forma verbal indica em princípio, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podemos chamar, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). Eles se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente (MATTOSO CÂMARA JR., 2015, p. 104),

De modo geral, temos para um verbo o tema mais o sufixo flexional (T + SF). O tema é composto pelo radical e pela vogal temática e o sufixo flexional é composto pelo sufixo modo-temporal além do sufixo número-pessoal. A esse respeito, corrobora Monteiro (2002): a classe morfológica verbal, diz respeito a uma classe de palavras que possuem desinências e que essas marcam o verbo quanto ao modo, ao tempo, à pessoa e ao número.

Para Mattoso Câmara (2015), no padrão geral dos verbos na língua portuguesa o radical é uma parte imutável, sendo “constituído de um morfema lexical, acrescido, ou não, de um ou mais morfemas derivacionais, ele nos dá a significação lexical, permanente, do verbo. A indicação das noções gramaticais (1 - modo e tempo, 2 - número e pessoa) cabe ao sufixo flexional com seus dois constituintes aglutinados”. Desse modo, do ponto de vista de um vocábulo verbal no português, o autor propõe como fórmula geral a seguinte estrutura:

**Figura 3** – Estrutura verbal

T (R + VT) + SF (SMT + SNP)
-----------------------------

Fonte: Mattoso Câmara (2015)

Corroborando Mattoso Câmara (2015), Koch e Silva (2012, p. 83) sustentam que nos verbos que seguem o padrão geral “qualquer dos constituintes indicados na fórmula, exceto o radical, pode faltar ou sofrer variações formais. As variações são indicadas por diferentes alomorfes, entre eles a ausência do constituinte”. Para as autoras, a existência de treze desinências modo-temporais é determinada pela acumulação em um único morfema das noções de modo e tempo. Elas explicam que

São seis delas no modo *indicativo*: um presente (Id Pr); três pretéritos: *imperfecto*, *perfecto*, *mais-que-perfecto* (Id Pt1, Id Pt2 e Id Pt3) e dois futuros: o do *presente* e o do *pretérito* (Id Ft1 e Id Ft2). No subjuntivo, há um *presente*, um *pretérito* e um *futuro* (Sb Pr, Sb Pt e Sb Ft). A esses morfemas deve-se acrescentar o do *imperativo* (Ip) e os indicadores das formas nominais do verbo: *gerúndio* (Gr), *infinitivo* (If) e *particípio* (Pa) (KOCH e SILVA, 2012, p. 83).

Da mesma maneira, segundo as autoras, a existência de seis morfemas gramaticais é determinada pela cumulação das desinências número-pessoais que é o resultado do contraste entre emissor e receptor, tendo entre eles uma terceira pessoa. Os morfemas: P1, P2 e P3 (as três pessoas do singular) e P4, P5, P6 (as três pessoas do plural). Desse modo, tanto as desinências número-pessoais quanto as modo-temporais, que formam as

desinenciais flexionais, estão ligadas a uma das vogais temáticas *-a, -e, -o*. Surge daí, a tradicional classificação morfológica dos verbos na língua portuguesa em 3 conjugações (CI, CII, CIII), representadas respectivamente por uma das vogais temáticas (KOCH e SILVA, 2012).

No intuito de entendermos a formação flexional dos verbos, vejamos, de forma sucinta, elementos estruturais e essenciais na formação de um verbo em seu tempo, em seu modo e em pessoa.

Concernente ao *radical* dos verbos, parte principal na qual se obtém o seu significado lexical, Koch e Silva (2012, p. 84) explicam que

nos verbos regulares, cabe apenas às desinências flexionais a identificação das diversas formas verbais, porque o radical é invariável, sofrendo somente, em circunstâncias bem determinadas, uma alternância da vogal que o constitui, quando tônica. Essa alternância, no entanto, manifesta-se em condições previsíveis e é considerada regular.

Para as autoras, os verbos dados como regulares são os verbos em que o radical é invariável. Também podem ser identificados como verbos que seguem o Padrão Geral. Esses verbos raramente apresentam alternância em sua vogal temática.

A respeito do radical, Koch e Silva (2012, p. 85) seguem explicando que

em CI, as vogais *e* aberto (é) e *o* aberto (ó) marcam as formas *rizotônicas*, isto é, aquelas cujo o acento cai na vogal do radical: IdPr e SbPrP1,2,3,6 e IPP2 *levo, levas, leva, levam/ chore, chores, chore, chorem/chora*. Já as vogais *e* fechado (ê) e *o* fechado (ô) marcam as formas *arrizotônicas*, aquelas cujo acento incide ou na vogal temática (*levamos, levais; choramos, chorais* etc.) ou na vogal do sufixo flexional (*levarei, chorarei* etc.)

As autoras explicam que “alguns verbos terminados em *-ear* (passear) ou *-iar* (incendiar), nas formas rizotônicas de Id Pr, Sb Pr e Ip sofrem uma ditongação: passeio, passeias, passeia, passeiam/ passeie, passeies, passeie, passeiem/ passeia” (KOCH e SILVA, 2012, p. 85).

Ainda referente ao radical, de acordo com Koch e Silva (2012, p. 85),

Em CII, com as mesmas vogais, há alternância quando a vogal do radical é tônica, opondo o Id Pr P2, P3, P6 (*bebes, bebe, bebem; corres, corre, correm*) e o Ip P2 (*bebe; corre*) ao Id Pr P1 (*bebo; corro*) e ao Sb PrP1,2,3,6 (*beba, bebas, beba, bebam; corra, corras, corra, corram*). Em CIII há alternância exatamente nas mesmas circunstâncias de CII, só que agora entre *o* e *u* / *e* e *i*, além das já citadas, conforme os exemplos: Id Pr – *feres, fere, ferem; dormes, dorme, dormem*; Ip – *fere; dorme* em oposição a Id Pr P1 – *firo; durmo* e SbPr – *fira, firas, fira, firam; durma, durmas, durmam*.

Quanto à *vogal temática*, a distribuição do acento, em via de regra geral no português, é regra básica para se analisar os verbos. Segundo Mattoso Câmara (2015), a condição de tônica, pretônica, postônica não-final e postônica ou átona final corroboram para que os alomorfes sejam fonologicamente condicionados, em estudos da língua culta realizados no Rio de Janeiro. O autor fundamenta que:

Em regra, no verbo português, a tonicidade incide na vogal temática, que assim entra no quadro pleno das vogais portuguesas. A vogal temática só é átona final em P 1,2,3,6 do indicativo presente, incluindo-se neste P 2 do subjuntivo não-subordinado ou imperativo. Temos então na 1ª conjugação para /a/ o alofone posterior, ou “abafado” da posição átona final, e na 2ª e 3ª conjugação uma confluência de formas, determinada pela neutralização fonológica entre /ê/ e /i/. A língua escrita adota então uma grafia com a letra -e. Nos dois futuros ela é pretônica, pois o acento incide no sufixo modo-temporal. Mas para o português do Brasil isso não traz outra consequência senão o “abafamento” alofônico de /a/, na 1ª conjugação. A distinção pretônica entre /e/ e /i/ mantém separadas as conjugações 2ª e 3ª (MATTOSO CÂMARA, 2015, p. 106).

Nesse contexto, Koch e Silva (2012), assim como Mattoso Câmara (2015), trabalham com a possibilidade de a vogal temática também ser representada pelo alomorfe zero (Ø). Para as autoras

isto ocorre em Id Pr P1 e em todas as pessoas do Sb Pr, o alomorfe Ø resulta, nos dois casos, da regra morfofonêmica, segundo a qual o acréscimo de um novo constituinte vocálico (a desinência número-pessoal *o* em Id Pr P1 e a desinência modo-temporal *e* no Sb Pr) leva ao apagamento da vogal átona final, conforme os exemplos, respectivamente: *canta + o = canto; teme + o = temo; parte + o = parto; canta + e, es, e, emos, eis, em = cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem; teme + a, as, a, amos, ais, am = tema, temas, tema, temamos, temais, temam; parte + a, as, a, amos, ais, am = parta, partas, parta, partamos, partais, partam.* (KOCH e SILVA, 2012, p. 86).

As autoras seguem explicando que “a vogal temática apresenta alomorfes na primeira conjugação no Id Pt2 em P1 e P3 [...] e encontra-se neutralizada, por sua vez, na segunda e terceira conjugações no Id Pt2 P1 [...] e no Id Pt1 [...]”. (KOCH e SILVA, 2012, p. 86).

Além do radical e da vogal temática, os verbos contam com alguns morfemas que, agregados aos verbos, indicam sua flexão em número (singular e plural), de pessoa (1.ª, 2.ª ou 3.ª), de modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e tempo (passado, presente e futuro). São as terminações que os verbos assumem quando conjugados.

Quanto às *desinências número-pessoais*, observaremos a seguir, resumidamente, as desinências flexionais de Id Pt3, segundo Silva e Koch (2012, p. 87):

P1	canta (cant + a) + ra	(ra + Ø)
P2	canta (cant + a) + ras	(ra + s)
P3	canta (cant + a) + ra	(ra + Ø)
P4	cantá (cant + a) + ramos	(ra + mos)
P5	cantd (cant + a) + reis	(re + is)
P6	canta (cant + a) + ram	(ra + m)

Ao fazermos uso do método da comutação, observamos que as desinências número-pessoais como o alomorfe Ø para P1 e P3, -s para P2, -mos para P4, -is para P5 e -m para P6, são recorrentes em outros tempos e modos verbais com raras exceções. Vejamos o quadro abaixo:

**Quadro 1:** *recorrência dos alomorfes em alguns tempos e modos verbais.*

Pessoa do verbo	DNP	Alomorfes	Exemplo:	Alomorfes	Exemplo:	Alomorfes	Exemplo:
P1	Ø	-o	canto, parto	-i (ld Pt2 e ldFt1)	cantei, temi, parti; cantarei, temerei, partirei		
P2	-s	- Ø	cantaØ, temeØ, parteØ	-ste (ld Pt2)	cantaste, temeste, partiste		
P3	Ø			-u (ld Pt2)	cantou, temeu, partiu		
P4	-mos						
P5	-is	-stes (ld Pt2)	cantastes, temestes, partistes	- des (Sb Ft)	antardes, temerdes, partirdes	-i assilábico (lp)	cantai, temi, parti
P6	-m	-o (ld Ft1)	cantarão, temerão, partirão				

Fonte: Adaptado da obra: *Linguística aplicada ao português* (KOCH e SILVA, 2012).

É necessário citar que o -i assilábico no Id Pt2 P1 em CII e CIII (tem + i + i, part + i + i), une-se com a vogal temática, também *i* nas duas conjugações, por razões da regra morfofonêmica, que diz que duas vogais iguais se unem em apenas uma (KOCH e SILVA, 2012, p. 87)

Quanto às *desinências modo-temporais*, segundo as autoras, são formas iguais para as 3 conjugações e ao analisarmos as desinências modo-temporais do Id Pt3 (-ra e alomorfe -re em P5) e utilizarmos do método da comutação, temos condições para a depreensão de outras desinências, vejamos: -re para o ld Ft1, -ria para o ld Ft2, -sse para o Sb, Ø para o ld Pr e lp P2, -r para o Sb Ft e lf e -ndo e -do para o gerúndio e particípio, respectivamente (KOCH e SILVA, 2012, p. 88).

Ainda sobre as desinências modo-temporais, somente em duas circunstâncias as desinências modo-temporais de CI não são iguais às de CII e CIII: a) no Sb Pr em que o morfema *-e* marca os verbos de CI e o morfema *-a* marca os verbos de CII (tema etc.), também e CIII e b) no Id Pt, quando o morfema *-va* marca os verbos em CI, e *-ia* em CII e CIII. A forma *-ia* junta-se com a vogal temática, também *-i* neutralizada, nas duas conjugações (KOCH e SILVA, 2012, p. 88).

Assim, com o objetivo de alcançarmos o tema desta pesquisa, a próxima subseção aborda acerca das particularidades dos verbos irregulares, denominados a seguir, como verbos de *padrões especiais*.

### 1.2.1 Verbo: o padrão especial

Para Monteiro (2002, p.121), há verbos que trazem desvios do padrão geral em sua estrutura e que o problema maior nesses desvios “diz respeito ao tema, sujeitos a alomorfias e alternâncias. Quanto às desinências, a solução é encontrada com o uso do morfe zero, sempre que houver lacunas” (MONTEIRO, 2002, p.121).

Também nesse viés, Koch e Silva (2012, p. 89) corroboram Monteiro ao dizer que esses verbos pertencentes ao grupo de padrão especial, são verbos que deixam de seguir o padrão morfológico geral dos verbos que são considerados regulares. As referidas autoras, afirmam que,

Ao lado dos chamados verbos regulares, que seguem o padrão geral, as gramáticas do português costumam elencar, em ordem alfabética, separados apenas pela conjugação a que pertencem, os verbos ditos *irregulares*. A irregularidade é entendida, portanto, como um desvio do padrão morfológico geral, imprevisível em face dos padrões regulares. Ocorre, porém, que também estes desvios podem ser, de certa forma, padronizados, de modo a chegar-se a pequenos grupos de verbos que apresentam padrões comuns, perfeitamente explicitáveis.

Nesse cenário, somando-se à ideia de Koch e Silva (2012), Mattoso Câmara (2015, p. 111), a ratifica ao dizer que os verbos ditos como “irregulares”, segundo algumas gramáticas normativas, deveriam ser compreendidos como “um desvio do padrão geral morfológico”. Ainda nesse conceito, o autor destaca:

Ainda aqui é preciso fugir da memorização pura e simples, que é o mais inconveniente meio de aprender. Na realidade, o estudante com ela só aprende afinal, porque consegue entrever um pouco, embora intuitivamente, as relações

e coincidências que a enumeração alfabética convencional está encobrindo. (MATTOSO CÂMARA. P. 111).

Para os autores, Mattoso Câmara (2015) e Koch e Silva (2012), a ideia de irregularidade pode se apresentar tanto no sufixo flexional quanto no radical. Os autores propõem ainda um novo olhar no que diz respeito aos verbos conhecidos como irregulares, visto que é possível de se encontrar regularidade na irregularidade considerada pelas gramáticas normativas.

Mattoso Câmara (2015, p. 111) considera que:

Os padrões especiais, por sua vez, não são inteiramente caprichosos e arbitrários. Há neles uma organização imanente, que se impõe claramente depreender. Como na loucura, há uma lógica implícita, que o gramático, como naquela psiquiatra, tem o dever de explicitar.

Para o autor, os verbos de padrões especiais (verbos irregulares) não são inteiramente desordenados, visto que nesses (dentro de sua irregularidade) há entendimento ordenado e que pode ser explicado.

Segundo Mattoso Câmara (2015), o padrão especial mais relevante é o que reconhece um radical irregular nas formas do pretérito perfeito, do pretérito mais-que-perfeito, do pretérito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo, denominando-o R', que se opõe aos outros radicais do verbo, identificados como R., ou seja, esse radical R distingue-se do radical R', específico do padrão especial, que reúne os tempos derivados do pretérito perfeito, e ocorres em apenas quinze verbos.

Segundo Koch e Silva, é necessário lembrar os *tempos* ou as *formas primitivas*, para entendimento dos verbos considerados irregulares em português. Para as autoras

São formas primitivas: a) P2 de Id Pt2 (segunda pessoa do pretérito perfeito) da qual se derivam o *mais-que-perfeito do indicativo* (Id Pt3), o *imperfeito do subjuntivo* (Sb Pt) e o *futuro do subjuntivo* (Sb Ft); b) P1 de Id Pr (primeira pessoa do presente do indicativo) que dá origem ao *subjuntivo presente* (Sb Pr) e, em decorrência, às formas *imperativas* deste derivadas; c) P2 e P5 de Id Pr, das quais se forma P2 e P5 de *imperativo afirmativo* (IP1) com supressão da DNP -s; d) If1 (infinitivo não flexionado) de que são derivados o *imperfeito* (Id Pt1), o *futuro presente* (Id Ft1), o *futuro do pretérito* (Id F2), o *infinitivo flexionado* (If2), o *gerúndio* (Gr) e o *particípio* (Pa). Havendo qualquer tipo de irregularidade numa das formas primitivas, todas as suas derivadas manterão a mesma irregularidade (KOCH e SILVA, 2012, P. 90)

Para as autoras, devemos perceber que o "desvio" possivelmente consista em uma variação de *morfema flexional* ou em uma possível *variação do radical* que, para Mattoso Câmara (2015), contribui para a expressão de noções gramaticais de *tempo*, *modo* e

*pessoa*. A partir daí, é possível entender “padrões” morfológicos desviantes, visto que os verbos tidos como regulares têm o seu radical como imutável, conforme ilustram os Quadro 02 e 03 a seguir:

**Quadro 02:** Padrão especial do verbo *perder*

<b>Tempos derivados</b>		perdido (particípio)	
		perd-e-ndo (Gerúndio)	
		perd-e-re-s (If2)	
		perd-e-ria (IdFt2)	perd-e-ra (IdPt3)
	perc-a (Ip afirmativo)	perd-e-re-i (IdFt1)	perd-e-r (SbFt)
	perc-a (SbPr)	perd-ia (IdPt1)	perd-e-sse (SbPt)
<b>Tempos primitivos</b>	<b>P1IdPr</b>	<b>Infinitivo</b>	<b>P2IdPt2</b>
	<b>PERC-o</b>	<b>PERD-e-r</b>	<b>PERD-e-ste</b>

Fonte: Flávia Martins<sup>3</sup>

**Quadro 03:** Padrão especial do verbo *valer*

<b>Tempos derivados</b>		val-i-do (particípio)	
		val-e-ndo (Gerúndio)	
		val-e-re-s (If2)	
		val-e-ria (IdFt2)	val-e-ra (IdPt3)
	vall-a (Ip afirmativo)	val-e-re-i (IdFt1)	val-e-r (SbFt)
	Vall-a (SbPr)	Val-ia (IdPt1)	val-e-sse (SbPt)
<b>Tempos primitivos</b>	<b>P1IdPr</b>	<b>Infinitivo</b>	<b>P2IdPt2</b>
	<b>VALH-o</b>	<b>VAL-e-r</b>	<b>VAL-e-ste</b>

Fonte: Flávia Martins

Na busca de se explicar a regularidade dentro da irregularidade dos verbos, os autores, Mattoso Câmara (2015), e Koch e Silva (2012) descrevem os processos de irregularidades flexionais, de irregularidades no tema de indicativo perfeito e de irregularidades no futuro; descrevem ainda sobre os verbos com padrões especiais no particípio e sobre os verbos anômalos. Com o intuito de não fugirmos ao tema abordado nesta pesquisa, não descrevemos esses temas.

De acordo com Mattoso Câmara (2015, p. 99) no que tange aos verbos no modo indicativo, não há a ideia da ‘assinalização’, mas não se pode afirmar a sua inexistência.

<sup>3</sup> Professora Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: flavinhaingrid@yahoo.com.br

Ou seja, não há por parte dos falantes subjetividade no que se refere ao processo verbal comunicativo. Para este autor, “o uso então do presente é o que se entende tradicionalmente como ‘presente histórico’” (MATTOSO CÂMARA, 2015, p. 111).

Quanto *ao modo subjuntivo*, este modo tem os três tempos de presente, pretérito e futuro. Segundo (MATTOSO CÂMARA, 2015, p. 101):

[...] a divisão tripartida não é, entretanto, fiel à realidade linguística. Na verdade, há duas divisões dicotômicas que se complementam. De um lado, temos uma oposição entre presente e pretérito, em que o pretérito é a forma marcada. Indica diretamente o passado nas orações independentes precedidas do advérbio talvez, ou, em orações subordinadas, se relaciona com um indicativo pretérito da oração principal, ex.: *talvez fosse verdade; supus que fosse verdade*. Comparem-se no presente: *talvez seja verdade; suponho que seja verdade*. De outro lado, temos uma oposição entre pretérito e futuro nas orações subordinadas que estabelecem uma condição prévia do que se vai comunicar; ex.: *se fosse verdade, eu partiria*, [...]

Cabe-nos observar, que, de acordo com (MATTOSO CÂMARA, 2015), no modo Subjuntivo, assim como no modo Imperativo, há subjetividade por parte do falante em relação ao processo verbal no ato comunicativo. Além ainda de o modo Subjuntivo aparecer, algumas vezes, acompanhado de advérbios, de conjunções ou partículas, a depender do tempo marcado na fala do falante.

Conforme o exposto, percebemos que tanto (MATTOSO CÂMARA) quanto Koch e Silva (2012) têm abordagem convergente, pois estes autores buscam explicar a regularidade no seio dos verbos irregulares.

### 1.2.2 O que dizem alguns gramáticos normativos acerca dos verbos *perder* e *valer*.

Na gramática Houaiss da Língua Portuguesa, Azeredo (2014), no que se refere aos verbos, inicia os estudos separando os verbos em regulares e irregulares. Para o gramático, os verbos tidos como regulares são aqueles verbos que obedecem ao paradigma de sua conjugação, conforme os modelos da CI, CII e CIII. Ao passo que os verbos irregulares são aqueles que apresentam algum desvio de forma do modelo de sua conjugação.

O gramático é claro ao separar os verbos irregulares em: irregulares fortes, fracos ou anômalos. Para ele,

Verbos irregulares fracos são os que podem mudar de radical, sem aparente explicação, ao variar a pessoa (ex.: *perder*, que apresenta *perco* e *perde*; *medir*,

que apresenta meço e mede); irregulares fortes são os que apresentam no pretérito perfeito um radical diverso do presente (ex.: dizer, que apresenta dizes e dissestes; saber, que apresenta sabes e soubestes; vir, que apresenta vens e vieste). Irregulares anômalos, ou simplesmente anômalos, são os verbos que apresentam diversidade total de radicais entre tempos ou mesmo entre pessoas do mesmo tempo. São eles apenas os verbos ser e ir (cf. sou, és, fui; vai, ides, foi) (AZEREDO, 2014, p. 183).

Entendemos que Azeredo (2014) considera que os verbos escolhidos para esta pesquisa se encaixam na categoria de verbos irregulares fracos. Para Azeredo, os verbos irregulares fortes, na formação do tempo simples, derivam do tempo pretérito perfeito do indicativo e mantêm sua alomorfia de radical nos tempos: pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo. Concluímos que os verbos que apresentam alomorfia de radical no tempo pretérito perfeito, também apresentarão a alomorfia em outros tempos que dele derivarem.

A esse respeito, o autor explica:

O mecanismo flexional do verbo combina, de um modo geral, o uso das desinências modo-temporais com o tema das formas que não as possuem, a saber, o presente do indicativo, o pretérito perfeito e o infinitivo não flexionado, por isso chamadas formas primitivas do verbo. As demais formas, criadas pela adição das respectivas desinências modo-temporais ou número-pessoais – e muito excepcionalmente pela supressão destas –, chamam-se formas derivadas. (2014, p. 185).

Ou seja, de acordo com Azeredo (2014, p. 186), os tempos: pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo são derivados do pretérito perfeito do indicativo (AZEREDO, 2014, p. 186).

Em suma, mesmo que Azeredo (2014) busque explicar que as irregularidades são derivadas do tempo pretérito perfeito, essa ideia não está tão clara, visto que ele apresenta os verbos irregulares como fortes, os anômalos e monossilábicos, além de apresentá-los em meio a outras irregularidades.

Assim como Azeredo (2014), Evanildo Bechara (2009), em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa*, faz distinção entre os verbos em regulares, irregulares e anômalos, bem como distingue os verbos entre irregulares fracos e fortes. Segundo Bechara (2009, p. 268),

os verbos irregulares se dividem em fracos e fortes. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: sentir-senti; perder-perdi. Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: caber-coube; fazer-fiz.

Bechara (2009, p. 268) destaca ainda que os verbos irregulares fracos “apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo. Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo”. Nesse sentido, para efeito de pesquisa, destacaremos aqui somente os verbos *perder* e *valer*, na P1IdPr e na P1SbPr, respectivamente, que são o foco desta pesquisa.

Para Bechara (2009), o verbo *valer* obedece à seguinte flexão: no presente do indicativo: valho, vales, vale (ou *val*), valem, valeis, valem; no presente do Subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham. O autor destaca que a forma que *Val*, por *vale*, é forma de uso frequente entre os portugueses.

No que tange ao verbo *perder*, também objeto de análise desta pesquisa, Bechara (2009) também o destaca como irregular, visto que este verbo apresenta modificação no radical ou na flexão, sendo na forma infinitivo *perder* e se apresentando na forma flexionada como *perco* (2009, p. 268). Para Bechara (2009, p. 334), este verbo apresenta a seguinte flexão: no presente do indicativo: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem; no presente do subjuntivo: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Diferentemente de Azeredo (2014), Bechara (2009) apresenta os verbos irregulares separando-os por conjugações, mesmo que esses verbos se apresentem misturados e com diferentes formas regulares e irregulares.

Cunha e Cintra, na Nova Gramática do Português Contemporâneo, também fazem distinção entre os verbos, quanto à flexão, em regulares e irregulares. Porém, diferentemente de Azeredo (2014) e Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017) não dividem os verbos irregulares em fracos e fortes. Os referidos autores observam ainda que:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue verbos irregulares de verbos anômalos, aplicando a última denominação a verbos como estar, haver, ser, ter, ir, vir e pôr, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa (CUNHA e CINTRA, 2017, p. 401).

Assim como Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017) apresentaram os verbos irregulares por conjugação em CI, CII e CIII.

Diante dos expostos abordados nesta seção, observamos que tanto Azeredo (2014), quanto Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017) apresentam os verbos aqui investigados com os nomes *regular* e *irregular*.

A partir do exposto, notamos que, no que se refere a posição das gramáticas normativas, tanto Bechara (2009) quanto Cunha e Cintra (2017) tecem análises dos verbos irregulares separados por conjugação em fusão com outros verbos que também apresentam outros tipos de irregularidade, ao passo que Azeredo (2014) separa-os em verbos irregulares fortes e verbos de infinitivo monossilábico, posição diferente do que dizem os gramáticos descritivos como Monteiro (2002), Mattoso Câmara (2015) e Koch e Silva (2012). Para estes autores, os verbos *perder* e *valer*, têm apresentação especial e se justificam a partir da sua base primitiva. Desse modo, a variação que ocorre nas P1IdPr e P1SbPr são variações que ocorrem dentro dos próprios verbos, podendo, assim, explicar, e /ou talvez justificar, a irregularidade que aparece nesses verbos, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente.

### 1.3 Objetivos, questões e hipóteses

#### 1.3.1 Objetivo Geral:

Analisar os verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas).

#### 1.3.2 Objetivos Específicos:

Conhecer as possíveis variantes que compõem a 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, dos verbos irregulares *perder* e *valer*, pertencentes à 2ª conjugação;

Descrever quais os grupos de fatores extralinguísticos que influenciam o uso de uma ou outra variante dos fenômenos em análise (*perder*, na P1IdPr; *perder*, na P1SbPr; *valer*, na P1IdPr; *valer*, na P1SbPr).

Discutir se a variação no uso dos verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo na escrita dos moradores de Coari (AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança por meio da observação do tempo aparente (idade).

#### 1.3.3 Principais Questões:

a) Há variantes dos verbos *perder* e *valer* em 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo? Quais?

b) Quais os grupos de fatores extralinguísticos que influenciam o uso de uma ou outra variante dos fenômenos em análise (*perder*, na P1IdPr; *perder*, na P1SbPr; *valer*, na P1IdPr; *valer*, na P1SbPr).

c) A variação no uso dos verbos irregulares *perder* e *valer*, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo na escrita dos moradores de Coari (AM) está constituindo uma variável estável ou está em processo de mudança por meio da observação do tempo aparente (idade)?

#### 1.3.4 Principais Hipóteses

a) Tendo em vista o posicionamento dos linguistas Mattoso Câmara (2015), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002) no que diz respeito ao radical dos verbos no padrão geral e no padrão especial nossa hipótese é a de que há as seguintes variantes do verbo *perder*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente: *perco* (padrão) x *perdo*(não padrão), *perca* (padrão) x *perda* (não padrão) e; as seguintes variantes do verbo *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente: *valho* (padrão) x *valo* (não padrão), *valha* (padrão) x *vala* (não padrão), na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (AM).

b) Nossa segunda hipótese é a de que as variáveis independentes extralinguísticas, tais como: *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade* estejam influenciando o uso das “variantes não padrão *perdo* e *perda*; *valo* e *vala*” na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (AM).

c) Ao ampararmos esta pesquisa na metodologia variacionista proposta por Labov (2008 [1972]), nossa terceira hipótese é de que a variante não padrão dos verbos irregulares *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, esteja constituindo uma variação em processo de mudança por meio da observação do tempo aparente (idade), ou seja, esteja ocorrendo entre os falantes mais novos.

## CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste segundo Capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa (a pesquisa de campo, o perfil dos informantes, o questionário, o tratamento quantitativo e o perfil sócio-histórico de Coari e, por fim, apresentamos os grupos de fatores que foram controlados nesta pesquisa no desejo de compreendermos o funcionamento das variáveis dependentes que são os verbos especiais *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente.

### 2.1 A pesquisa de campo:

É premissa nos estudos sociolinguísticos que a língua seja estudada em seu contexto social, desse modo, as metodologias de pesquisa devem ser voltadas para as comunidades de fala. Nesse sentido, para este estudo, seguimos a metodologia laboviana, sistematizada nas palavras de Tarallo (2007, p. 10) que diz

1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade; 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem; 3) análise dos possíveis fatores condicionantes (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s); [...].

Ratificando Tarallo (2007), Coelho *et al.*, (2018, p. 102) afirmam que o principal objetivo da investigação sociolinguística “[...] é a observação da língua falada em situações naturais de interação social face a face. Essa língua é o vernáculo – estilo em que o mínimo de monitoração ou atenção é dispensado à fala.” Em outras palavras, esta língua é a que usamos nas interações familiares, nas conversas com os amigos, é a língua que usamos em situações do dia-a-dia quando não estamos sob observação.

A pesquisa de campo através da observação dos fenômenos em uso nas diversas situações comunicativas é base para uma pesquisa sociolinguística. Segundo Coelho *et al.*, (2018, p. 102) “[...] as pesquisas sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados linguísticos efetivamente produzidos.”

Fundamentados em Coelho *et al.*, (2015) e Labov (2008 [1972]), escolhemos para esta pesquisa a comunidade linguística para a observação do fenômeno em variação - análise dos verbos *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, -a cidade de

Coari, Amazonas, especificamente a Zona Urbana. Em seguida, fomos à busca dos informantes que para esta linha metodológica devem ser estratificados para um melhor controle das variáveis em estudo. Determinamos, em seguida, critérios para a escolha dos informantes dentro da comunidade de fala com o intuito de termos uma amostra representativa. Após este passo, tamanho e estratificação da amostra, partimos para a coleta de dados por meio da aplicação de questionário morfológico que tem como objetivo a criação do *corpus* para o estudo de fenômenos em variação.

Para esta pesquisa, ressaltamos que, por termos coletados dados de escrita a partir de um Questionário Objetivo, obtivemos, assim, dados mais monitorados e não o *vernáculo*.

Quanto aos passos para uma pesquisa sociolinguística, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 132) são:

- Escolha de uma comunidade de fala;
- Escolha de um objeto (variável sociolinguística);
- Definição do envelope de variação;
- Revisão da literatura (levantamento do que já foi dito sobre esse objeto);
- Formulação de questões e hipóteses;
- Definição dos grupos de fatores (linguísticos e sociais);
- Coleta de dados (de um banco pronto ou formação de novas amostras);
- Codificação das ocorrências de acordo com os grupos de fatores;
- Análise quantitativa dos dados (pacote Varbrul/GoldVarb);
- Descrição e análise dos resultados.

Percebemos que para pesquisas sociolinguísticas é necessário que sejam empregadas técnicas para a coleta dos dados, para o tratamento e para a análise dos dados.

Descrevemos, nas próximas seções, o perfil dos informantes observados nesta pesquisa.

### 2.1.1 O perfil dos informantes

Nas pesquisas sociolinguísticas, os informantes são essenciais para a observação da língua, de fato, em uso. Segundo Labov (2008 [1972]), para cada *célula social*, o número ideal dos informantes são 5 (cinco), contudo, para esta pesquisa, adotamos somente dois (2) para cada célula, o que, conforme Coelho *et al.* (2015, p. 101), não compromete a investigação, todavia, carece de “mais cautela na análise dos resultados estatísticos concernentes aos fatores sociais”, visto que a pesquisa Sociolinguística não investiga somente o uso individual da língua, mas a comunidade de fala como um todo.

De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 101), temos por *cédula social* “um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística”. Nesse sentido, definimos para esta pesquisa, 3 (três) grupos de fatores extralinguísticos: sexo (homem e mulher); idade (18 a 35, 36 a 55 e acima de 56 anos) e escolaridade (Nível Médio e Graduados/pós-graduados).

Para esta pesquisa, os informantes obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: a) Ter nascido na cidade de Coari; b) Possuir pais também de Coari, ou que tenham chegado durante os primeiros dias de vida; c) Residir em Coari; d) Não ter se afastado da cidade por mais de cinco anos, principalmente nos anos iniciais de aquisição da linguagem e, por fim, e) Possuir escolaridade a nível de Nível Médio e Superior (graduados/especialistas).

Não observamos nesta pesquisa a condição socioeconômica dos informantes, tampouco quaisquer outras características de natureza pessoal e/ou subjetiva.

No geral, adotamos um total de 24 informantes, observando todas as *células sociais*. Para melhor entendermos, vejamos o Quadro 04, a seguir:

**Quadro 04- Estratificação social dos informantes em Coari (AM)**

<b>Faixa etária/Escolaridade</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
18 a 35 anos Escolaridade: nível Médio	2	2	4
18 a 35 anos Escolaridade: superior	2	2	4
36 a 55 anos Escolaridade: nível Médio	2	2	4
36 a 55 anos Escolaridade: superior	2	2	4
+ de 56 anos Escolaridade: nível Médio	2	2	4
+ de 56 anos Escolaridade: superior	2	2	4
<b>Total</b>			<b>24</b>

Fonte: dados da pesquisa.

A partir desta organização, aplicamos o questionário que foi o instrumento escolhido para a coleta dos dados.

Reforçamos, aqui, que todos os informantes aceitaram que suas respostas escritas fossem utilizadas nesta pesquisa, ainda que, no início, um ou dois informantes estivessem receosos, porém, ao falarmos a respeito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Anexo, p. 70), esses (assim como os demais) ficaram mais seguros e aceitaram colaborar com a pesquisa.

Desse modo, a fim de que pudéssemos executar a pesquisa, houve a necessidade de submissão ao Comitê de Ética (Plataforma Brasil) e atualmente se encontra aprovada sob o número CAAE 35507120.2.0000.5020 e parecer 4345162.

### 2.1.2 Os procedimentos de geração de dados: o Questionário e o tratamento quantitativo

Para a coleta dos dados, nesta pesquisa, em virtude do nível de análise linguística investigado e, especificamente, do fenômeno em foco, optou-se pela coleta de dados por meio da aplicação de Questionário Morfológico, elaborado por esta pesquisadora, contendo 20 perguntas objetivas (cf. Anexo, p. 73). Os informantes receberam o referido questionário impresso e o responderam por escrito.

A coleta dos dados ocorreu na área urbana do município, desse modo, deslocamos até a presença dos informantes por via terrestre, tendo como principal meio de transporte uma motocicleta. Ressaltamos, aqui, que, por se tratar de um município relativamente pequeno, a locomoção não durava muito tempo, em média levamos entre 5min a 10min, até chegarmos aos informantes. Vale lembrarmos, que o município de Coari fica a mais de 300km da capital Manaus e como seu principal meio de acesso se dá via fluvial, tivemos a necessidade de permanecer na localidade por um período de 3 meses. Quanto à nossa hospedagem, essa ficou por conta de nossos familiares que há tempos residem no município.

As aplicações do Questionário foram realizadas no período de 15 de agosto a 10 de outubro de 2020, nas residências, ao ar livre como em calçadas, por exemplo e em ambientes de trabalho. Esse processo se deu sempre de acordo com a disponibilidade dos informantes. Esses informantes foram convidados, inicialmente, por contato individual, via telefone celular e, apenas em um caso o contato ocorreu via telefone fixo. Houve somente um informante que foi contatado pessoalmente. Nesse sentido, os horários foram agendados e os dados foram coletados nas residências ou no lugar que o informante indicou.

O Questionário apresentou perguntas de caráter objetivo e buscou respostas objetivas. As questões de 2 a 6 são referentes ao verbo *perder* na P1IdPr; as questões de 07 a 10 são referentes ao verbo *valer*, na P1IdPr; as questões de 11 a 15 se referem ao verbo *perder*, na P1SbPr e as questões de 16 a 20 se referem ao verbo *valer*, na P1SbPr. (cf. anexo p. 87). As lacunas contidas no Questionário foram preenchidas (respondidas) pelos informantes. Nessa perspectiva, ilustramos a coleta de dados com base no que diz

Labov (2008 [1972]), sobre o estudo da língua em seu contexto social, no que se refere ao extremo formal do espectro estilístico:

Foram construídas frases em que as variáveis eram encaixadas e, em outros pontos, nas mesmas frases, foram inseridas lacunas para a pessoa preencher com itens lexicais enquanto lia, desviando sua atenção das variáveis. (LEVINE e CROCKETT (1966), ANSHEN (1969) *apud* LABOV, 2008 [1972], P. 247)

No momento da coleta, com a intenção de desvencilhar a atenção dos informantes das variáveis controladas, nós não explicamos ou comentamos nenhuma pergunta referente ao questionário. Também não foram aceitos usos de instrumentos como por exemplos: dicionários impressos e/ou on-line, gramáticas impressas e/ou on-line, livros etc., que pudessem favorecer pesquisas referentes ao tema.

No momento da aplicação do Questionário, em consequência da pandemia de Covid-19, o uso de máscaras foi item obrigatório para todos os envolvidos. Por essa razão, não foi possível gravar em áudio as respostas dadas, pois levamos em consideração os possíveis ruídos e/ou possíveis interferências causadas em razão do uso de máscaras por parte dos informantes. Desse modo, não houve pergunta oral referente aos dados coletados, ficando assim, os informantes responsáveis pela leitura e por suas respostas escritas/preenchidas no Questionário.

Ao considerarmos o tempo de resposta do referido Questionário, observamos que os informantes mais jovens levaram, entre a 15 a 25 minutos para a conclusão, já os informantes mais velhos, precisaram, em média de 40 a 50 minutos.

Após essa fase, fizemos a transcrição grafemática e a codificação dos dados coletados (cf. Anexo p. 74-81). Esse processo teve duração de uma semana, mais ou menos. Concluída essa etapa, passamos para a análise dos dados no Programa *Goldvarb X*.

Ressaltamos que os dados aqui obtidos refletem uma escrita mais monitorada do que a que possivelmente seria obtida por meio de entrevista sociolinguística (a coleta do vernáculo), uma vez que as perguntas do questionário focaram nas variáveis dependentes estudadas e, quando isso ocorre, Labov (2008, p. 102) ressalta que “a entrevista formal, em si mesma, define um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar de fala *monitorada*”.

Quanto à geração dos dados que corresponde ao tratamento estatístico da pesquisa, esse foi realizado através do programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005). Em termos metodológicos, esse programa é uma

ferramenta muito importante para a Sociolinguística Variacionista. Este possibilita o processamento de muitos dados linguísticos, ajudando a explicar determinado fenômeno sociolinguístico.

### 2.1.3 O perfil sócio-histórico da cidade de Coari (AM)

Coari é um município do Estado do Amazonas, na região Norte, que está localizado na margem direita do lago de Coari e está a 368 km em linha reta da capital Manaus (SANTOS, 2020, p. 80). Os acessos à cidade podem ser feitos via aérea ou fluvial. O município possui uma área “territorial de 57. 230 km<sup>2</sup> (63% do Estado) e limita-se com as cidades de Maraã, Tapauá, Anori, Tefé e Codajás” (MIGUEIS, 2011, p. 33).

**Figura 4** – Localização da cidade de Coari (AM)



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coari>.

De acordo com dados do IBGE (2010), Coari tem a 5<sup>a</sup> maior população do Estado, correspondendo a 1,31 hab./km<sup>2</sup>. A estimativa, conforme o IBGE (2017), é de que a população atual seja de 84. 762 munícipes.

Nas palavras de Medeiros (2018, p.45),

Coari possui um aeroporto com capacidade para receber aeronaves de pequeno e médio porte, um cais do porto, que também recebe embarcações pequenas e de médio porte. Esse cais é a principal porta de entrada e saída de cargas e passageiros, uma vez que o município só recebe voos comerciais duas vezes por semana. A cidade tem inúmeros órgãos públicos importantes para o desenvolvimento do município.

Ainda amparados nas palavras de Medeiros (2018, p.45),

A cidade conta com um Campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que oferece cursos na área da saúde como: Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Medicina, além do curso de Biotecnologia e Licenciatura Dupla em Matemática e Física e Licenciatura Dupla em Biologia e Química. Também há, no município, um Núcleo de Estudos Superiores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que oferece cursos em

diferentes áreas do conhecimento. O Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia também marca presença no local.

Ressaltamos também que redes particulares de ensino compõem esse cenário educacional, como: “Universidade Paulista (UNIP), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e UNIASSELVI, que oferecem cursos na modalidade EAD” (MEDEIROS, 2018, p. 45).

Também compõem esse cenário, outras instituições públicas municipais e estaduais, conforme detalhado abaixo:

A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) dispõe de várias escolas, que atendem à população da creche ao Ensino Fundamental, e a Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) atende à demanda do Ensino Médio. Há uma unidade do SENAI, SESC, Centro Educacional Guarany e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). Outras instituições de ensino particulares oferecem cursos de Ensino Fundamental, (MEDEIROS, 2018, p. 45).

São exemplos de instituições:

**Figura 5** – UFAM-ISB Campus Coari (AM)



Fonte: [www.ufam.edu.br](http://www.ufam.edu.br)

**Figura 6** – IFAM Campus Coari (AM)



Fonte: [https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ifam\\_amazonas](https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ifam_amazonas)

Na referida cidade, a população local é assistida por órgãos públicos como: “Batalhão de Polícia Militar, Delegacia de Polícia Civil, Fórum de Tribunal Justiça Estadual, Cartório Eleitoral, Representação do Ministério Público Estadual, Agência do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), Agência dos Correios” e outros (MEDEIROS, 2018, p. 45).

O município de Coari é reconhecido nacionalmente, pois é responsável pela produção de petróleo e gás natural, ou seja, há no município uma Base Petrolífera conhecida como Urucu. Contudo, todo processo que envolve essa produção ocorre nas refinarias em Manaus (MEDEIROS, 2018, p.46).

Desse modo, conforme cita Medeiros (2018, p.46), foi nítida a mudança de comportamento e atitude dos moradores da cidade após a chegada Petrobrás e de outras “empresas de grande porte que prestam serviços para ela, mudou o ritmo de vida dos habitantes. A cidade passou por transformações profundas em sua estrutura física, na cultura, na economia e no aspecto social”.

Muitos são os segmentos que somam para a formação do município, destaca Medeiros (2018, p. 46):

Quatro agências bancárias e quatro operadoras de telefonia móvel prestam serviço na cidade. As principais fontes de renda dos habitantes ainda são os órgãos públicos, principalmente a prefeitura. O comércio se constitui de lojas de diferentes segmentos como: material de construção, vestuário, calçado, farmácias, eletrônicos, estivas em geral, além de outros.

A cidade também dispõe da produção agropecuária, além de possuir pontos turísticos como Igrejas, Flutuantes, a Estátua do Cristo Redentor, Praças e o Complexo Petrolífero de Urucu (RIBEIRO, 2005).

Para Medeiros (2018, p.46), “Coari é uma cidade em plena expansão e desenvolvimento, recebendo, a cada dia, pessoas de diversos lugares do Brasil, atraídas pelo petróleo que jorra do seu solo”.

Coari é uma cidade alegre e festiva. Dispõe de muitos eventos culturais como comemorações religiosas, festas carnavalescas, aniversário da cidade, festa em alusão ao gás natural e outras. A cidade também investe em eventos esportivos que vão de lutas de MMA ao esporte coletivo com bolas (MEDEIROS, 2018, p.46).

Segundo Migueis (2011, p. 32, *apud* MEDEIROS, 2018, p.47), o nome da cidade vem

da língua geral, o Nheengatu: Coari = Pequeno Buraco. Fundada a partir de uma aldeia indígena pelo jesuíta Samuel Fritz, no século XVIII, é elevada a lugar, em 1759, com o nome de Alvelos. Ribeiro (2005, p. 34) afirma que “em 1833, Alvelos é elevada à freguesia e, em 01 de maio de 1874, através da Lei Provincial nº 287, Alvelos é elevada à condição de vila com o nome de Coari”. Migueis (2011, p. 32) relata que em 10 de março de 1924, pela Lei Estadual nº 122, é criada, em definitivo, a Comarca de Coari. Em 02 de agosto de 1932, pela Lei Estadual nº 1.665, Coari é elevada à categoria de cidade.

Percebemos, portanto, que Coari, conforme citam os autores, tem nome de origem indígena, além de termos também a ideia de que a população que forma o município tem origens e raízes não somente em território coarienses, mas para além dessas fronteiras.

**Figura 7** – Vista aérea da cidade de Coari (AM).

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/483714816216311097/>

**Figura 8** – Catedral de Santa Ana

Fonte: <https://www.defensoria.am.def.br/post/defensoria>

Assim, concluímos esta subseção com a Figura 07 que ilustra a vista área do município, lado de acesso via rio Solimões e com a Figura 08 que apresenta a igreja católica *Santa Ana* que é considerada a padroeira da cidade.

No tocante ao objeto de estudo desta pesquisa, veremos, a seguir, quais são as variáveis dependentes investigadas nesta pesquisa, assim como quais são os condicionadores extralinguísticos controlados.

## 2.2 A variável dependente e as variáveis independentes

Conforme já vimos no Capítulo 1, temos como variáveis independentes àquelas que não apresentam dependência por si só e que são responsáveis por condicionar a variação, já a variável dependente é o lugar na gramática em que ocorre o fenômeno linguístico em variação (COELHO *et al.*, 2015, p. 20).

Nesses moldes, esta pesquisa analisa quatro variáveis dependentes morfológicas: *perder*, na P1IdPr; *perder*, na P1SbPr; *valer*, na P1IdPr; e *valer*, na P1SbPr.

Quanto às variantes dos verbos irregulares *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, elas podem ocorrer simultaneamente, sem necessariamente exclusão de uma ou outra. Para esta explanação, tomamos como base para esta pesquisa contribuições teóricas desenvolvidas por Mattoso Câmara (2015), Koch e Silva (2012), Coelho *et al.*, (2015), Labov (2008 [1972]), entre outros. Sendo assim, com a intenção de ilustrarmos as possíveis variantes dos fenômenos investigados, vejamos o quadro abaixo:

**Quadro 5:** As possíveis variantes das variáveis dependentes investigadas

Variável dependente	Variantes padrão	Variantes não padrão
P1IdPr - Perder	<i>perc-o</i>	<i>perd-o</i>
P1SbPr -Perder	<i>perc-a</i>	<i>Perd-a</i>
P1IdPr - Valer	<i>Valh-o</i>	<i>Val-o</i>
P1SbPr - Valer	<i>Valh-a</i>	<i>Val-a</i>

Fonte: dados da pesquisa

Quanto às codificações para análise estatística no *Goldvarb X*, as variantes foram assim identificadas:

**Quadro 6:** Codificação das variáveis dependentes.

Variáveis	Código-Variante padrão	Código-Variante não padrão
P1IdPr - Perder	Perco [c]	Perdo [d]
P1SbPr -Perder	Perca [k]	Perda [e]
P1IdPr - Valer	Valho [S]	Valo [u]
P1SbPr - Valer	Valha [H]	Vala [a]

Fonte: dados da pesquisa

Quanto às variáveis independentes, controlamos somente as extralinguísticas dentre elas *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Controlamos no grupo de fatores *sexo*, os fatores *homem* e *mulher*, com o objetivo de investigar se a variação entre as formas dos verbos *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, estão suscetíveis ao sexo do falante, visto que nas sociedades ocidentais, as variantes de prestígio se mostraram mais predominantes na fala das mulheres (LABOV, 2008 [1972]; PAIVA, 2017). Ressaltamos, aqui, que não realizamos testes de avaliação social dos verbos em investigação, logo não sabemos se alguma das variantes apresenta avaliação social negativa. Abaixo, apresentaremos dados referentes a esta investigação.

**Quadro 07 -** Grupo de fatores extralinguísticos *sexo*

Sexo	Exemplo	identificação
Homem	Per[c]o	(cM1h
Mulher	Per[d]o	(dM2m

Fonte: dados da pesquisa.

Labov (2008 [1972]) em suas pesquisas não faz diferença entre *sexo* e *gênero*. No que diz respeito a essa questão, nossa pesquisa não poderia deixar de mencionar Freitag (2015). Para a autora,

Parece ser contraditório ter “hipóteses clássicas” em uma ciência que se propõe ser interdisciplinar com foco em relações dinâmicas, como a sociedade e a língua, principalmente num campo que tem mostrado tendências de abordagem distintas como é o caso do campo em exame, perpassando por rótulos diferenciados, como sexo, feminismo e gênero (FREITAG, 2015, p. 22).

Freitag (2015) propõe novo olhar para a variável *sexo* e *gênero* no campo dos estudos sociolinguísticos no Brasil. A referida autora mostra que “o cenário dos papéis da mulher na sociedade, hoje, é bem diferente do que era ao início da década de 1980, quando se começaram a plantar as primeiras sementes sociolinguísticas no Brasil [...]”. Dessa maneira, ela chama a atenção dos estudos sociolinguísticos brasileiros que ainda se amparam apenas nas “hipóteses clássicas” sobre a variável em questão.

Ainda referente à variável *sexo/gênero*, segundo Freitag (2015, p. 24),

a perspectiva da abordagem construcionista social pressupõe que a identidade de gênero é vista como uma construção, assim como qualquer outra categoria social. Os falantes fazem, constroem o gênero, mais do que ser estaticamente um gênero em particular. Gênero nesta abordagem não é algo estático, uma característica adicionada ao falante, mas é algo que é construído no cotidiano.

Entendemos, conforme as palavras da autora, que gênero, dentro da pesquisa sociolinguística, perpassa a ideia de definição entre masculino e feminino, se considerarmos que esse termo ‘não é algo estático’, ou seja, para ela não se atribui tal característica aos falantes, visto que a ideia de identidade de gênero é algo que se constrói no dia a dia.

A autora segue explicando que entender gênero como construção social é entender que “gênero não é algo com que nascemos, nem é algo que temos, mas algo que fazemos (WEST; ZIMMERMAN, 1987) ou como atuamos, uma performance de gênero (BUTLER, 1990)” (ECKERT; MC-CONNELL-GINET, 2003, *apud* FREITAG, 2015, p. 24).

Referente ao grupo de fatores *faixa etária*, estudos tem mostrado resultados relevantes desta variável em pesquisas de cunho sociolinguísticas. Desse modo, recordamos, para esta variável, que Labov (2008 [1972]) ao estudar a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard, Massachusetts, em 1962, por exemplo, mostra um padrão curvilíneo em que o maior índice de centralização está nas faixas de 31 a 45 anos.

Desse modo, pretendemos investigar qual das formas concorrentes é inovadora e se há alguma mudança em tempo aparente. Sobre esse grupo de fatores, vejamos o Quadro 08, a seguir:

**Quadro 08** - Grupo de fatores extralinguísticos *faixa etária*

<b>Idade</b>	<b>Exemplo</b>	<b>identificação</b>
Faixa etária 1 (18-35 anos)	Per[c]a	(kM1h
Faixa etária 2 (36-55 anos)	Per[d]o	(dM2m
Faixa etária 3 (+ de 56 anos)	Va[lh]a	(hM3h

Fonte: dados da pesquisa.

No que se refere ao grupo de fatores *escolaridade*, notamos que o controle desta variável tem evidenciado que muitos fenômenos investigados apontam para resultados em que os informantes com maior nível de escolaridade tendem a usar formas variantes de maior prestígio, não só no caso das variantes em análises “*os verbos perder e valer, na PIIIdPr e PISbPr*”, respectivamente, por estarem por mais tempos expostos às regras da gramática normativa, mas também em outros fenômenos como: fonético-fonológicos, sintáticos, por exemplo.

Para este varável, as informações foram assim organizadas. Vejamos o Quadro 09, a seguir:

**Quadro 09** - Grupo de fatores extralinguísticos *escolaridade*

<b>Escolaridade</b>	<b>Exemplo</b>	<b>identificação</b>
Médio	Va[l]o	(uM1h
Graduado/especialista	Per[c]o	(cG2m

Fonte: dados da pesquisa.

Desse modo, as variáveis extralinguísticas aqui expostas, foram analisadas a partir da ótica de Coelho *et al.*, (2015), Freitag (2015) e Labov (2008 [1972]).

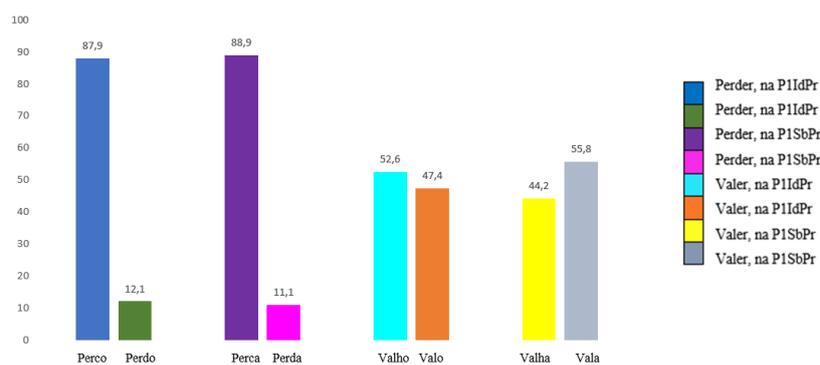
No capítulo seguinte, apresentamos a análise e discussão dos resultados.

### CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa referente à análise dos verbos *perder* e *valer*, na P1IdPr e na P1SbPr, respectivamente, na escrita dos moradores do município de Coari (AM). De início, apresentamos os resultados de forma geral em porcentagens para as variáveis binárias de forma geral. Em seguida, organizamos os resultados do capítulo em quatro subseções. Em cada subseção apresentamos os dados gerais encontrados para cada variável investigada, assim como discutimos a análise específica dos condicionadores controlados em cada variável, conforme análise do *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005).

Vejamos a porcentagem geral no gráfico 01, abaixo:

**Gráfico 01:** resultado geral dos verbos perder e valer, na P1IdP e na P1SbP, respectivamente.



Fonte: dados da pesquisa.

Conforme observamos no Gráfico 01, percebemos que os resultados em porcentagens para a variável *perder*, tanto na 1ª pessoa do singular do modo indicativo quanto na 1ª pessoa do singular do modo subjuntivo, ambas no tempo presente, são bastante expressivos. A variante *perco* (P1IdPr) considerada padrão entre os gramáticos apresenta 87,9%, ao passo que a variante considerada não padrão, *perdo*, apresenta apenas 12,1%. Para o mesmo verbo (perder), agora em P1SbPr, a diferença é também bastante expressiva. Os resultados em porcentagens são de 88,9% para a variante considerada padrão, *perca* e apenas 11,1% para a variante *perda*, tida como não padrão. Para a variável *valer* (P1IdPr e P1SbPr) a diferença entre os resultados percentuais não são tão expressivas quanto os resultados apresentados para a variável *perder* (P1IdPr e P1SbPr). Para a variante *valho* (P1IdPr), forma considerada padrão, foram registradas 52,6% e para a variante *valo*, forma considerada não padrão pelos gramáticos, foram registradas 47,4%

das ocorrências em porcentagens. Para a variante *valha* (P1SbPr), forma considerada padrão entre os gramáticos, foram registradas 44,2% das ocorrências, ao passo que para a variante *vala*, também P1SbPr, forma considerada não padrão entre os gramáticos, foram registradas 55,8% das ocorrências.

A seguir, veremos a análise dos verbos detalhadamente por grupos de fatores extralinguísticos.

### 3.1 Perder, na P1IdPr.

Em relação à variável *perder*, na P1IdPr, foram registrados na escrita dos moradores de Coari (AM), entrevistados nesta pesquisa, 127 dados. Na Tabela 1, a seguir, ilustramos as respostas encontradas:

**Tabela 01** – Resultado geral da variável *perder*, na P1IdPr, a escrita de moradores de Coari (AM)

Variantes	Aplicação/ Total	%
Perco	94/127	74,0
Perdo	13/127	10,2
Prefiro perder	07/127	5,5
Perderei	05/127	3,9
Costumo perder	03/127	2,4
Perderia	02/127	1,6
Perde	01/127	0,8
Pergo	01/127	0,8
Vivo perdendo	01/127	0,8

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na Tabela 01, foram registrados o total de 09 formas para a variável em observação, sendo a mais produtiva a variante *perco* (74%), considerada a forma ‘padrão’ da Língua Portuguesa, conforme mostram Mattoso Câmara Jr. (2015), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002), ao descreverem a flexão do verbo *perder*, na P1IdPr. Em segundo lugar, aparece a variante *perdo* (10,2%), variante que consideraremos como a ‘não padrão’, pois não apresenta a alomorfa no radical (**perc-**) descrita pelos autores mencionados. No entanto, ressaltamos que os informantes que escreveram essa variante partem do radical da forma primitiva do infinitivo (**Perd-er**), seguindo, assim, uma regularidade da língua. Em seguida, foram registradas as formas: *prefiro perder* (5,5%), *perderei* (3,9%), *costumo perder* (2,4%), *perderia* (1,6%), *perde* (0,8%), *pergo* (0,8%) e *vivo perdendo* (0,8%).

Dentre essas formas registradas, *perderei* e *perderia* não correspondem à P1IdPr, por isso foram eliminadas das demais etapas da análise estatística. Ainda, optamos por

excluir *perde* e *pergo*, pois ambas apresentaram apenas 01 ocorrência. Além disso, foram eliminadas as formas perifrásticas *prefiro perder*, *costumo perder* e *vivo perdendo*, pois nosso objeto de análise é a alomorfa no radical do verbo *perder*, na P1IdPr. Dessa forma, para análise de Peso Relativo no *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que é um programa que analisa variáveis binárias, consideramos somente as variantes *perco* e *perdo*.

A seguir, observamos a análise dos condicionadores extralinguísticos controlados nesta pesquisa.

### 3.1.1 Os grupos de fatores extralinguísticos

Para a maior compreensão do fenômeno em investigação *perder*, na P1IdPr, principalmente da variante *perco*, a forma considerada ‘padrão’, foi essencial à análise do que estaria favorecendo a utilização dessa variante na escrita dos moradores entrevistados na cidade de Coari (AM). Para isso, foram investigados os condicionadores (variáveis independentes) extralinguísticos, no programa *GoldVarb X*, a saber: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Desses três condicionadores controlados, o programa selecionou aqueles que mais demonstraram relevância para a aplicação da regra, a variante *perco* (P1IdPr), em ordem de seleção: *faixa etária* e *sexo*. O programa não selecionou, portanto, *escolaridade*.

No que tange à *faixa etária*, primeira variável independente selecionada como relevante no uso da variante *perco*, P1IdPr, foi necessário excluir o fator *faixa etária 1* (18 a 35 anos) da rodada de análise, pois este fator apresentou *knockout* (100%) para a variante *perco*. Sendo assim, encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 02, a seguir:

**Tabela 02-** Frequência e probabilidade da variante *perco* (P1IdPr), segundo a variável *faixa etária*, na escrita de moradores de Coari (AM)

Faixa etária	Aplicação/ Total	%	P. R
Faixa etária 3 (mais de 56 anos)	31/38	81,6	0,51
Faixa etária 2 (36 a 55 anos)	26/32	81,2	0,48

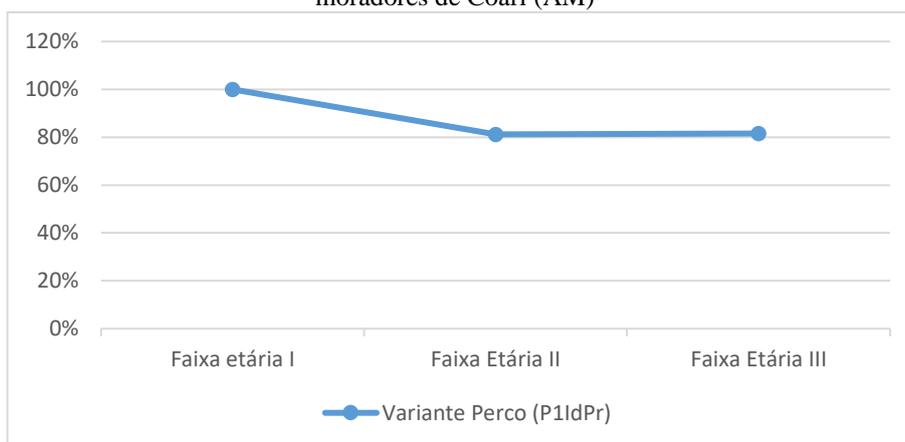
Significância: 0.007  
Input: 0.853

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a Tabela 02, observamos que a *faixa etária 3* (mais de 56 anos) favorece a aplicação da regra (0,51), ao passo que a *faixa etária 2* (36 a 55 anos) a desfavorece (0,48). Sendo assim, são os informantes mais velhos que usam mais a variante considerada ‘padrão’ (*perco*) do verbo *perder*, na P1IdPr, do que os falantes da faixa intermediária. Contudo, cabe-nos destacar que a diferença em termo de peso relativo é mínima, permanecendo na zona neutra.

Mediante estes resultados, acreditamos que não há indícios de mudança em tempo aparente, mas sim um processo de variação estável em relação ao uso da variante ‘padrão’ (*perco*), pois tanto os mais velhos quanto os mais jovens a utilizam com mais frequência (81,6% e 100%, respectivamente) em relação à faixa etária intermediária (81,2%). No entanto, se amalgamarmos os condicionantes *faixa etária 3* e *2*, observaremos que há um aumento em direção à variante ‘*perco*’ (81,6% e 81,2% em oposição a 100%). Esse resultado fica mais bem ilustrado no Gráfico 2, a seguir:

**Gráfico 2-** Frequência da variante *perco* (P1IdPr), segundo a *faixa etária*, na escrita de moradores de Coari (AM)



Fonte: Dados da pesquisa

Diante deste cenário, estudos sociolinguísticos mostram, conforme Coelho *et al.*, (2015, p. 44), que “a relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os estudos sociolinguísticos no Brasil e no mundo, pois, em geral, no controle desse condicionador entra em jogo a questão da mudança linguística”.

Acerca dos resultados, ressaltamos, ainda, que a diferença percentual entre as faixas etárias 3 e 2 não é tão expressiva (81,6% e 81,2%).

Quanto ao condicionador *sexo*, para o uso da variante *perco* (P1IdPr), encontramos os seguintes resultados, na Tabela 03, que segue:

**Tabela 03-** Frequência e probabilidade da variante *perco* (PIIdPr), segundo a variável *sexo*, na escrita de moradores de Coari (AM)

<b>Sexo</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R.</b>
Homem	42/44	95,5	0,69
Mulher	52/63	82,5	0,35

Significância: 0.007  
Input: 0.853

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 03, observamos que os homens favorecem a aplicação da regra, a variante *perco* (0,69), ao passo que as mulheres a desfavorecem (0,35).

Para a variável *sexo*, de acordo com resultados de pesquisas sociolinguísticas em sociedades ocidentais, as variantes de prestígio<sup>4</sup> são as que predominam na fala das mulheres (LABOV, 2008 [1972]; PAIVA, 2017). Para Mollica (2010, p. 35), a depender da sua situação social, a mulher adota formas prestigiadas com mais frequência do que os homens. Desse modo, a fim de que pudéssemos atestar o papel conservador e inovador das variáveis analisadas, seria necessário que fizéssemos testes de atitudes, por essa razão não podemos afirmar nesta pesquisa se as variantes apresentam avaliação social positiva ou negativa. O que citamos a esse respeito deve ser entendido apenas como hipóteses para o uso de uma ou outra forma.

Ressalta-se que seria interessante, em uma pesquisa futura, observar quais os papéis sociais dos homens e mulheres na cidade de Coari (AM). Em sociedades orientais, por exemplo, os homens é que usam as variantes mais conservadoras e de prestígio em virtude de circularem mais socialmente do que as mulheres.

Ainda chama a atenção, nos nossos resultados, o condicionador *escolaridade* não influenciar o uso da variante em análise *perca* (PIIdPr), uma vez que estudos sociolinguísticos têm evidenciado que quanto maior o tempo de escolarização de um indivíduo, maior é a probabilidade do uso de variantes consideradas ‘padrão’ e quanto menor esse tempo, menor é o contato com essas variantes e, portanto, é maior a probabilidade do uso de formas consideradas ‘não padrão’. É importante ressaltar que nesta pesquisa controlamos somente dois níveis de escolaridade, Ensino Médio e Graduados/Especialistas, que podem ser considerados níveis mais altos de escolarização

<sup>4</sup> Ao falarmos nas palavras *prestígio* e *estigma*, nesta pesquisa, estamos apenas levantando hipóteses, visto que eles têm a ver com a avaliação social que as pessoas fazem das formas variantes. Para isso, é necessário realizar testes de atitude. Geralmente, estudos sociolinguísticos mais antigos apontam que mulheres ocidentais tendem a utilizar formas conservadoras (próximas da “norma padrão”) e só lideram a mudança (usam as formas inovadoras) quando a forma nova tem algum prestígio social.

e, talvez, por esse motivo, esse condicionador não tenha se mostrado relevante para a variante em questão, a ‘padrão’ de *perder*, na P1IdPr.

### 3.2 Perder, na P1SbPr

Para a variável *perder*, na P1SbPr, foram registrados na escrita dos moradores de Coari (AM), entre os entrevistados para esta pesquisa, 104 dados. Na Tabela 04, a seguir, ilustramos as respostas encontradas:

**Tabela 04** – Resultado geral da variável *perder*, na P1SbPr, na escrita de moradores de Coari (AM)

Variantes	Aplicação/ Total	%
Perca	64/104	61,5
Perda	17/104	16,3
Perco	08/104	7,7
Possa perder	05/104	4,8
Perder	03/104	2,9
Perdo	03/104	2,9
Perderei	02/104	1,9
Perdi	01/104	1,0
Vou perder	01/104	1,0

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na Tabela 04, foram registrados o total de 09 formas para a variável em observação, sendo a mais produtiva a variante *perca* (61,5%), considerada a forma ‘padrão’ do PB, conforme mostram Mattoso Câmara Jr. (2015 [1970]), Koch e Silva (2012 [1996]) e Monteiro (2002), ao descreverem a flexão do verbo *perder*, na P1SbPr. Em segundo lugar, aparece a variante *perda* (16,3%), variante que consideraremos como ‘não padrão’, por não apresentar a alomorfa no radical (**perc-**) descrita pelos autores supracitados. Porém, ressaltamos que os informantes que escreveram essa variante partem do radical da forma primitiva do infinitivo (**Perd-er**), seguindo, dessa forma, uma regularidade da língua, assim como aconteceu com a variável *perder*, na P1IdPr. Em seguida, foram registradas as formas: *perco* (7,7%), *possa perder* (4,8%), *perder* (2,9%), *perdo* (2,9%), *perderei* (1,9%), *perdi* (1,0%) e *vou perder* (1,0%).

Dentre essas formas registradas, as formas *perder*, *perderei* e *perdi* não correspondem à P1SbPr. As formas *perco* e *perdo* apresentaram *knockout* (0%), por essa razão, mesmo sendo formas utilizadas por alguns falantes de algumas regiões do país, optamos por excluí-las de nossa análise. Eliminamos também as formas perifrásticas *possa perder* e *vou perder*, pois nosso objeto de análise é a alomorfa no radical do verbo *perder*, na P1SbPr. Dessa forma, para análise de Peso Relativo no *Goldvarb X*

(SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) consideramos apenas as variantes *perca* e *perda*, pois o referido programa roda variáveis binárias.

A seguir, observamos a análise dos condicionadores extralinguísticos controlados nesta pesquisa.

### 3.2.1 Os grupos de fatores extralinguísticos

Com o intuito de compreendermos de forma mais aprofundada o fenômeno em investigação, perder, na P1SbPr, principalmente o uso da variante *perca*, a forma considerada ‘padrão’, foi fundamental a análise do que estaria favorecendo a utilização dessa variante na escrita dos moradores entrevistados na cidade de Coari (AM). Dessa forma, foram investigadas as variáveis independentes extralinguísticas, no programa GoldVarb X, a saber: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Dessas três variáveis independentes controladas, o programa selecionou como a mais relevante para a aplicação da regra, a variante *perca* (P1SbPr), somente a *escolaridade*, não sendo selecionados os condicionadores *sexo* e *faixa etária*.

Referente à *escolaridade*, única variável independente selecionada como relevante no uso da variante *perca* (P1SbPr), encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 05, a seguir:

**Tabela 05-** Frequência e probabilidade da variante *perca* (P1SbPr), segundo a variável *escolaridade*, na escrita de moradores de Coari (AM)

<b>Escolaridade</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R</b>
Graduados/especialistas	33/37	89.2	0,66
Ensino Médio	31/44	70.5	0,36

Significância: 0,808  
Input: 0.038

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 05, é possível percebermos que os mais escolarizados (graduados/especialistas) favorecem a aplicação da regra (0,66), a variante *perca* (P1SbPr), enquanto os menos escolarizados (nível médio) desfavoreceram-na (0,36).

O resultado da Tabela 05 corrobora a ideia de Coelho *et al.* (2015, p. 41) quando os autores dizem que os falantes que passam “mais tempo em ambiente escolar produzem em maior número a variante considerada padrão”. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004, p.48) também afirma que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade da escola que frequentou também tem influência em seu repertório sociolinguístico”.

Nesse viés, diante dos resultados expostos na Tabela 05, somos levados a ratificar que grupos de fatores extralinguísticos, como a *escolaridade*, condicionam as estruturas “escolhidas” pelo falante no uso variável da língua. Segundo Bagno (2007a, p. 44), “as pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao *status* socioeconômico”.

É importante ainda dizer que a pessoa e o tempo/modo verbal em questão, P1SbPr, não são tão produtivos no PB falado e nem escrito atualmente nos modelos descritos por Mattoso Câmara Jr. (2015), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002), assim como prescrito nas Gramáticas Normativas: “*que eu perca*”. Os indivíduos têm utilizado outras estratégias para o referido modo e tempo verbal (cf. PIMPÃO, 2012). Talvez por ser um modo e tempo verbal pouco produtivo no PB é que somente o condicionador *escolaridade* tenha sido selecionado, evidenciando que o maior tempo de escolarização propiciou o seu conhecimento, diferente do que aconteceu com a P1IdPr.

### 3.3 Valer, na P1IdPr.

No que diz respeito à variável *valer*, na P1IdPr, foram registrados na escrita dos moradores de Coari (AM), entrevistados nesta pesquisa, 98 dados. Na Tabela 06, a seguir, ilustramos as respostas encontradas:

**Tabela 06** – Resultado geral da variável *valer*, na P1IdPra escrita de moradores de Coari (AM)

Variantes	Aplicação/ Total	%
Valho	41/98	41,8
Valo	37/98	37,8
Tenho valor	07/98	7,1
Vale	03/98	3,1
Devo valer	03/98	3,1
Valhio	02/98	2,0
Pessoa que vale	02/98	2,0
Espero valer	02/98	2,0
Posso valer	01/98	1,0

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na Tabela 06, registramos o total de 09 formas variantes para a variável em observação, sendo a mais produtiva a variante *valho* (41,8%), considerada a forma ‘padrão’ do PB (CÂMARA Jr, 2015 [1970]; KOCH e SILVA, 2012 [1996] e MONTEIRO, 2002). Em segundo lugar, aparece a variante *valo* (37,8%), variante que consideraremos como ‘não padrão’, pois não apresenta a alomorfia no radical

(**valh-**) descrita pelos autores que fundamentam esta análise. Porém, ressaltamos, mais uma vez, que os informantes que escreveram essa variante partem do radical da forma primitiva do infinitivo (**val-er**), seguindo, dessa forma, uma regularidade da própria língua. Ressalta-se que a diferença percentual entre as duas variantes mais produtivas, *valho* e *valo*, foi bem pequena. Ainda chama a atenção o fato de que a variante ‘padrão’ de valer, *valho* (P1IdPr), parece ser menos conhecida pelos moradores entrevistados em Coari (AM) do que a variante ‘padrão’ de perder, *perco* (P1IdPr) 41,8% e 74%, respectivamente.

Outras formas também foram registradas em Coari para *Valer* P1IdPr, a saber: *vale* (3,1%), *valhio* (2,0%), *tenho valor* (7,1%), *devo valer* (3,1%), *pessoa que vale* (2,0%), *espero valer* (2,0%) e *posso valer* (1,0%).

Dentre essas formas registradas, ainda que houvesse possibilidade de amalgamarmos a forma "valhio", por aparentar uma manifestação de uma variante fonética na escrita, por exemplo, e forma "vale" que mantém o radical *val-* da forma não padrão, optamos por excluir ambas as formas, pois estas apresentaram *KnockOut* (0%) em pelo menos um fator dos condicionadores extralinguísticos analisados. Optamos também por eliminar as formas perifrásticas *tenho valor*, *devo valer*, *pessoa que vale*, *espero valer* e *posso valer*, pois nosso objeto de análise é a alomorfa no radical do verbo *valer*, na P1IdPr.

Dessa forma, para análise de Peso Relativo no *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), consideramos somente as variantes *valho* e *valo*. Para efeito de pesquisa, consideramos a variante denominada ‘padrão’ como aplicação da regra.

A seguir, observamos a análise dos condicionadores extralinguísticos controlados nesta pesquisa.

### 3.3.1 Os grupos de fatores extralinguísticos

Para a análise do que estaria favorecendo a utilização da variante *valho* (P1IdPr), na escrita dos moradores entrevistados na cidade de Coari (AM), foi essencial a investigação de condicionadores (variáveis independentes) extralinguísticos, no programa *GoldVarb X*: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Dos três condicionadores controlados, o programa selecionou como a mais relevante para a aplicação da regra, a variante *valho* (P1IdPr), o condicionador *sexo*. O programa não selecionou os condicionadores: *escolaridade* e *faixa etária*.

No que tange ao condicionador *sexo*, única variável independente selecionada como relevante no uso da variante *valho* (P1IdPr), encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 07, a seguir:

**Tabela 07-** Frequência e probabilidade da variante *valho* (P1IdPr), segundo a variável *sexo*, na escrita de moradores de Coari (AM)

<b>Sexo</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R</b>
Homem	32/39	82,1	0,79
Mulher	09/39	23,1	0,20

Significância: 0.000  
Input: 0.539

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme ilustrado na Tabela 07, observamos que os homens favorecem a aplicação da regra *valho* (0,79), já as mulheres a desfavorecem (0,20). Resultado semelhante ao encontrado para *perder*, na P1IdPr.

Conforme discutido anteriormente (cf. na subseção 3.1.1), resultados de pesquisas sociolinguísticas em sociedades ocidentais, para a variável *sexo*, têm mostrado que as variantes conservadoras e com *status* de prestígio são as que predominam na fala das mulheres (LABOV, 2008 [1972]; PAIVA, 2017; MOLLICA, 2010). Como observamos na Tabela 07, não é o caso dos entrevistados em Coari (AM) para esta pesquisa, tendo em vista que são os homens que apresentam esse conservadorismo linguístico, pois adotam, em sua escrita, a forma ‘padrão’ *valho* em detrimento da forma ‘não padrão’ *valo* em comparação as mulheres da cidade investigada. Nesta pesquisa, podemos correlacionar *sexo* e *escolaridade* a fim de averiguar se de alguma forma há algum prestígio atribuído à *valho* (P1IdPr)

**Tabela 8-** Correlação entre as variáveis *sexo* e *escolaridade* quanto à variante *valho*, na P1IdPr, na escrita de moradores de Coari (AM)

<b>Escolaridade</b>	<b>Sexo</b>			
	<b>Homem</b>	<b>%</b>	<b>Mulher</b>	<b>%</b>
Superior	16/18	89	0/19	0
Nível Médio	16/21	76	9/20	45

Fonte: Dados da pesquisa

Ao correlacionarmos os grupos de fatores *sexo* e *escolaridade*, conforme Tabela 08, observamos um aumento expressivo de uso da variante ‘padrão’ na escrita dos homens

graduados em relação à escrita das mulheres. Ressalta-se que na escrita dos homens corroboramos a ideia de que quanto mais tempo uma pessoa passa na escola, mas essa pessoa tende a usar a forma considerada ‘padrão’ da língua.

**Tabela 9-** Correlação entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* quanto à variante *valho* (P1IdPr), na escrita de moradores de Coari (AM)

Faixa etária	Sexo			
	Homem	%	Mulher	%
Faixa etária 2	14/14	100	4/11	36
Faixa etária 3	10/12	83	1/13	08
Faixa etária 1	8/13	62	4/15	27

Fonte: Dados da pesquisa

Ao correlacionarmos os grupos de fatores *sexo* e *faixa etária*, conforme Tabela 09, observamos o aumento do uso da variante ‘padrão’ na escrita dos homens da *faixa intermediária* em relação à escrita das mulheres. Ressalta-se que na escrita dos homens observamos uma variação estável, pois tanto os mais velhos quanto os mais jovens produzem com mais frequência a variante ‘padrão’ (faixa etária 2 com 100% e faixa etária 3 com 83%) em relação à *faixa etária 1* (62%). No entanto, na fala das mulheres, observamos indicativo de mudança em tempo aparente na direção do aumento da mesma variante (faixa etária 3: 8%; faixa etária 1: 27% e faixa etária 2: 36%). Ainda, observa-se que há uma maior diferença percentual entre homens e mulheres na *faixa intermediária* (100% e 36%, respectivamente) e mais velhos (83% e 8%, respectivamente) do que na escrita de homens e mulheres *faixa etária 1* (62% e 27%, respectivamente). Para esta variável, não comprovamos que as mulheres mais velhas produzem mais a variante ‘padrão’ do que os homens.

Ressalta-se, mais uma vez, a importância de em trabalhos futuros compreender os papéis sociais de homens e mulheres em Coari (AM), assim como, quanto ao *status* de prestígio, seria importante realizar testes de atitudes linguísticas sobre a variável em questão.

### 3.4 Valer, na P1SbPr.

Referente à variável *valer*, na P1SbPr, foram registrados na escrita dos moradores da cidade de Coari (AM) o total de 111 dados. Para análise desta variável, a fim de que o Programa *GoldVarb X* não deixasse nenhuma variante de fora, optamos por amalgamar as formas perifrásticas: *tenha valor* e *tenha mais valor*. Sendo assim, no lugar de 10

formas variantes temos 09 formas, que é a quantidade suportada pelo programa para geração de dados gerais. Na Tabela 10, a seguir, ilustramos as respostas encontradas:

**Tabela 10** – Resultado geral da variável *valer*, na P1SbPr, na escrita de moradores de Coari (AM)

Variantes	Aplicação/ Total	%
Vala	29/111	26,1
Valha	23/111	20,7
Valho	16/111	14,4
Posso valer	14/111	12,6
valo	12/111	10,8
Tenha valor/tenha mais valor	04/111	3,6
valhe	05/111	4,5
Valer	04/111	3,6
Vale	04/111	3,6

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na Tabela 10, dentre as 09 formas registradas para a variável em observação, a mais produtiva foi a variante *vala* (26,1%). Para efeito de análise, é importante registrarmos aqui que, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (2015), Koch e Silva (2012) e Monteiro (2002), a variante considerada ‘padrão’ para a P1SbPr é a variante que apresenta a alomorfa (**Valh-**). Sendo assim, podemos dizer que a variante mais produtiva *vala* é a forma considerada ‘não padrão’ do PB, pois esta apresenta em parte do seu radical a forma primitiva do infinitivo (**val-er**), seguindo, dessa forma, uma regularidade da língua.

Ainda, a forma considerada ‘padrão’, a variante *valha*, aparece em segundo lugar nesta pesquisa (20,7%). Importante destacar, conforme discutido sobre *perder*, na 1SbPr, o modo subjuntivo no seu tempo presente parece ser muito pouco produtivo no PB falado e escrito atualmente e talvez, por esse motivo, na escrita dos moradores de Coari (AM) entrevistados, a variante ‘padrão’ não tenha aparecido com tanta frequência. Vale registrar que tanto a forma ‘padrão’ quanto a ‘não padrão’ foram pouco produtivas (20,7 e 26,1, respectivamente) nos nossos dados. Os informantes desta pesquisa optaram por outras formas para a referida variável, tais como: *valho* (14,4%), *posso valer* (12,6%), *valo* (10,8%), *valhe* (4,5%), *tenha valor*, *valer* e *vale* (3,6%).

Ressaltamos que dentre essas formas registradas, *valho*, *valo*, *valhe*, *valer* e *vale*, não foram analisadas para fins de análise de peso relativo, pois apresentaram *KnockOut* (0%), por isso foram eliminadas das demais etapas. Ainda, optamos por excluir as formas perifrásticas *posso valer* e *tenha valor*, pois nosso objeto de análise é a alomorfa no radical do verbo *valer*, na P1SbPr.

Dessa forma, para análise de Peso Relativo no *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que é um programa que analisa variáveis binárias, consideramos somente as variantes *valha* e *vala*. Para efeito de pesquisa, adotamos a variante considerada ‘padrão’ *valha* como aplicação da regra.

A seguir, observamos a análise dos condicionadores extralinguísticos controlados nesta pesquisa.

### 3.4.1 Os grupos de fatores extralinguísticos

Para maior entendimento do fenômeno em investigação, *valer*, na P1SbPr, principalmente da variante *valha*, a forma considerada ‘padrão’, foi essencial à análise do que estaria favorecendo a utilização dessa forma na escrita dos moradores entrevistados na cidade de Coari (AM). Para tal, foram investigados os condicionadores (variáveis independentes) extralinguísticos, no programa GoldVarb X, a saber: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Dessas três variáveis independentes controladas, todas foram selecionadas pelo programa como relevantes para a aplicação da regra, a variante *valha* (P1SbPr), na seguinte ordem de seleção: *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*.

Concernente ao condicionador *sexo*, primeira variável independente selecionada como relevante no uso da variante *valha* (P1SbPr), encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 11, a seguir:

**Tabela 11-** Frequência e probabilidade da variante *valha* (P1SbPr), segundo a variável *sexo*, na escrita de moradores de Coari (AM)

<b>Sexo</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R</b>
Homem	16/24	66,7	0,87
Mulher	7/28	25,0	0,15

Significância: 0.000  
Input: 0,304

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 11, é possível observarmos que os homens favorecem a aplicação da regra (*valha*), com Peso Relativo de (0,87), ao passo que as mulheres a desfavorecem com Peso Relativo de (0,15). Diante destes resultados, observamos, nesta pesquisa, que os homens entrevistados em Coari (AM) apresentam conservadorismo linguístico, pois adotam, em sua escrita, a forma ‘padrão’ *valha* em detrimento da forma ‘não padrão’ *vala* em comparação às mulheres da referida cidade, assim como aconteceu nas análises de *perder*, na P1IdPr e de *valer*, na P1SbPr. Conforme já discutido em outras subseções deste

capítulo, esse resultado diverge de outras pesquisas sociolinguísticas, pois, segundo Labov (2008 [1972]) e Paiva (2017), em sociedades ocidentais, as variantes consideradas conservadoras e com *status* de prestígio são as que predominam na fala das mulheres.

Referente ao condicionador *faixa etária*, segunda variável independente selecionada como relevante no uso da variante *valha* (P1SbPr), encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 12, a seguir:

**Tabela 12-** Frequência e probabilidade da variante *valha* (P1SbPr), segundo a variável *faixa etária*, na escrita de moradores de Coari (AM)

Faixa etária	Aplicação/ Total	%	P. R
Faixa etária 1	10/15	66,7	0,97
Faixa etária 2	04/09	44,4	0,13
Faixa etária 3	09/28	32,1	0,22

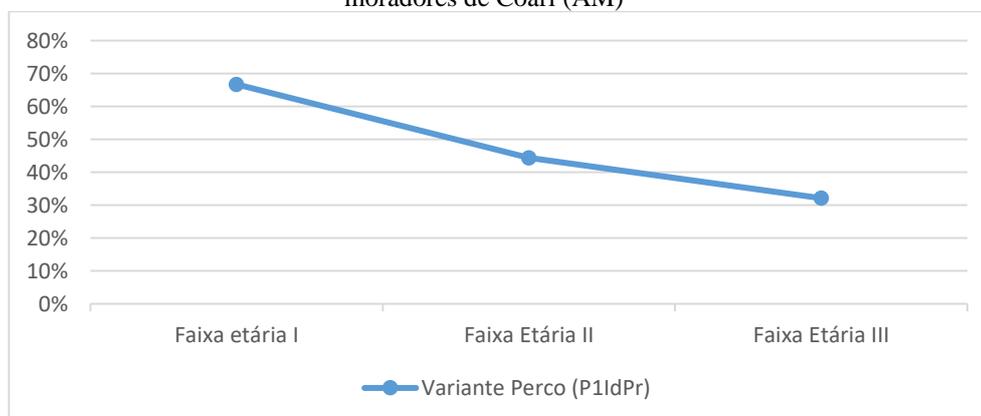
Significância: 0.000  
Input: 0,304

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na Tabela 12, a *faixa etária 1* favorece, expressivamente, a aplicação da regra (0,97), seguido da *faixa etária 3* (0,22) e da *faixa etária 2* (0,13) que desfavorecem a aplicação. Dessa forma, são os informantes mais novos que usam com mais frequência a variante considerada ‘padrão’ (*valha*) do verbo *valer*, na P1SbPr.

Diante dos resultados observados, acreditamos que há indícios de que esta variável (*valer*, na P1SbPr) está em processo de mudança em tempo aparente em direção ao aumento do uso da variante padrão (*valha*) na *faixa etária* mais jovem. No Gráfico 3, a seguir, ilustramos essa discussão:

**Gráfico 3-** Frequência da variante *valer* (P1SbPr), segundo a *faixa etária*, na escrita de moradores de Coari (AM)



Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 13, a seguir, correlacionamos *faixa etária* e *sexo* a fim de compreendermos melhor o comportamento da variante *valha* P1SbPr em Coari (AM).

**Tabela 13-** Correlação entre as variáveis *faixa etária* e *sexo* quanto à variante *valha*, na P1SbPr na escrita de moradores de Coari (AM)

Faixa etária	Sexo			
	Homem	%	Mulher	%
Faixa etária 1	4/4	100	6/11	55
Faixa etária 3	9/13	69	0/15	0
Faixa etária 2	3/7	43	1/2	50

Fonte: Dados da pesquisa

Ao correlacionarmos os grupos de fatores *faixa etária* e *sexo*, conforme Tabela 13, observamos um aumento de uso da variante ‘padrão’ tanto na escrita dos homens quanto na escrita das mulheres. Ressalta-se que na escrita dos homens observamos uma variação estável, pois tanto os mais velhos quanto os mais jovens produzem com mais frequência a variante ‘padrão’ (69% e 100%, respectivamente) em relação à faixa intermediária (43%). No entanto, na fala das mulheres, observamos uma mudança em tempo aparente na direção do aumento da mesma variante (faixa etária 3: 0%; faixa etária 2: 50% e faixa etária 1: 55%). Ainda, observa-se que há uma maior diferença percentual entre homens e mulheres mais jovens (100% e 55%, respectivamente) e mais velhos (69% e 0%, respectivamente) do que na escrita de homens e mulheres de faixa intermediária (43% e 50%, respectivamente). É nesta última faixa etária (36 a 55 anos) que as mulheres produzem mais a variante ‘padrão’ do que os homens.

No que se refere ao condicionador *escolaridade*, terceira e última variável independente selecionada como relevante no uso da variante *valha* (P1SbPr), encontramos os seguintes resultados ilustrados na Tabela 14, a seguir:

**Tabela 14-** Frequência e probabilidade da variante *valha* (P1SbPr), segundo a variável *escolaridade*, na escrita de moradores de Coari (AM)

Faixa-etária	Aplicação/ Total	%	P. R
Nível Médio	16/24	66,7	0,87
Superior	07/28	25,0	0,16

Significância: 0.000  
Input: 0,304

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 14, é possível percebermos que a aplicação da regra (*valha*) é favorecida pelos informantes menos escolarizados (nível médio), com 0,87 PR, e é desfavorecida pelos mais escolarizados (superior), com 0,16 PR.

Esse resultado, portanto, não corrobora os resultados de estudos sociolinguísticos que têm evidenciado que quanto mais tempo um falante passa no espaço escolar, mais terá contato com variantes consideradas ‘padrão’ (COELHO *et al.*, 2015 e BORTONIRICARDO, 2004). Ressalta-se que este resultado é semelhante ao encontrado para *perder* PISbPr. Destaca-se, mais uma vez, que os dois condicionantes controlados para *escolaridade* nesta pesquisa, são condicionantes que poderiam ser considerados juntos como mais escolarizados.

A seguir, na Tabela 15, correlacionamos *escolaridade* e *sexo* a fim de observarmos se pode haver algum *status* de prestígio atribuído à variante ‘valha’:

**Tabela 15-** Correlação entre as variáveis *escolaridade* e *sexo* quanto à variante *valha*, na PISbPr, na escrita de moradores de Coari (AM)

Sexo	Escolaridade			
	Nível Médio	%	Graduados/especialistas	%
Homem	12/14	86	04/10	40
Mulher	4/10	40	03/18	17

Fonte: Dados da pesquisa

Ao correlacionarmos os grupos de fatores *escolaridade* e *sexo*, conforme Tabela 15, observamos que tanto os homens com *nível médio* quanto o nível superior apresentaram maior frequência da variante ‘padrão’ (*valha*) em relação às mulheres dos dois níveis de escolaridade. Esse resultado indica um comportamento linguístico semelhante ao encontrado em sociedades orientais nas quais são os homens que utilizam a variante de ‘prestígio’.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto nesta pesquisa, investigamos, de forma geral, a escrita dos verbos irregulares *perder* e *valer*, ambas na P1IdPr e na P1SbPr, sob a perspectiva da sociolinguística Variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari. Para isso, tivemos que nos deslocar entre a capital Manaus e o município de Coari, a fim de realizar entrevistas com os moradores da cidade em questão. A partir de uma observação sistemática, pudemos conhecer qual variante (forma ‘padrão’ e/ou ‘não padrão’ da língua) do nosso objeto de estudo é mais usada na localidade investigada.

Especificamente, pudemos entender quais condicionantes extralinguísticos regem essa variação, visto que ela não acontece por acaso. Discutimos também se a variação na escrita dos verbos *perder* e *valer*, na P1IdPr e, P1SbPr, respectivamente, está em um possível processo de mudança em tempo aparente, por meio da correlação da *faixa etária* com outras variáveis independentes sociais, ou se é uma variação estável; e, por último, percebemos quão importante é uma pesquisa sociolinguística para os problemas da restrição, do encaixamento e da transição, propostos por WLH (2006 [1968]).

Nossos resultados ficaram subdivididos em duas partes: uma que trata de uma análise geral da escrita dos verbos *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente, e outra que trata de uma análise para cada uma das variáveis investigadas.

No que se refere aos resultados gerais, concluímos que os informantes da cidade de Coari (AM) utilizam com mais frequência a variante ‘padrão’ das variáveis investigadas, com exceção da variável *valer*, na P1SbPr, em que a forma mais frequente foi a que se considera ‘não padrão’ *vala*.

Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, também todas as variáveis controladas se mostraram estatisticamente relevantes ao fenômeno em estudo: *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária* o que atesta nossa hipótese, de que fatores sociais influenciam no uso de uma ou outra variante na escrita dos verbos *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente.

Concernente ao condicionante *escolaridade*, observamos que este não influenciou o uso das formas consideradas ‘padrão’ (*perco* e *valho*) para variáveis *perder*, na P1IdPr e *Valer*, na P1IdPr, se considerarmos que o programa estatístico não os selecionou. Já para a variável *perder*, na P1SbPr, este condicionador favorece a aplicação da regra, visto que os mais escolarizados (superior) apresenta (0,66%) dos dados relativos, enquanto os menos escolarizados (nível médio) desfavoreceram-na (0,36), corroborando, desta forma,

com a ideia de que quanto mais tempo se passa em ambiente educativo (escolar), mais se está propício à aquisição da linguagem mais ‘formal’. A esse respeito, diz Martins (2013, p. 221) “que quanto mais tempo os falantes são expostos às regras da gramática normativa, mais tendem a usar as formas consideradas de maior “prestígio” na língua”.

Referente ao condicionante *sexo*, nos nossos dados são os homens que mais favorecem o uso da variante denominada ‘padrão’ para *perder*, na P1IdPr, e *valer*, na P1IdPr e na P1SbPr, enquanto que, de forma significativa, as mulheres desfavorecem-na. Este grupo de fatores não se mostrou relevante para a variável *perder*, na P1SbPr, uma vez que deixou de ser selecionado pelo programa estatístico. Os resultados observados para a variável *sexo*, considerando a variante padrão como regra, foram: para a variável *perder*, na P1IdPr, entre os homens, a variante considerada ‘padrão’ *perco* (0,69%), ao passo que as mulheres apresentaram (0,35); para a variável *valer*, na P1IdPr, a variante considerada ‘padrão’ *valho* (0,79%) foi favorecida entre os homens, já as mulheres a desfavorecem-na (0,20).

Em relação à *faixa etária*, para a variável *perder*, na P1IdP, percebemos que são os mais velhos (acima de 56 anos) os que mais favorecem o uso da variante considerada ‘padrão’ *perco* (0,51), enquanto os mais jovens (36 a 55 anos) a desfavorecem-na (0,48). Embora os resultados relativos não sejam tão divergentes, constatamos que esta variável está em processo de variação estável em relação à variante padrão. Para a variável *valer*, na P1SbPr, percebemos que são os mais novos (18 – 35 anos) os que mais favorecem o uso da variante considerada ‘padrão’, *valha* (0,97), seguido da *faixa etária 3* (0,22) e da *faixa etária 2* (0,13). Dessa forma, com fundamentos em Labov (2003, *apud* MARTINS, 2013, p. 221), “uma forma mais clara de se observar a mudança em tempo aparente é fazendo uma correlação com outras variáveis sociais”.

Quanto às nossas hipóteses, a primeira foi atestada, pois registramos as formas variantes esperadas. Para variável *perder* (P1IdPr), as seguintes formas: *perco* e *perdo*; para a variável *perder* (P1SbPr), as seguintes formas: *perca* e *perda*; para a variável *valer*, na P1IdPr, as seguintes formas: *valho* e *valo* e para a variável *valer* (P1SbPr), as seguintes formas: *valha* e *vala*; a segunda também foi atestada, visto que registramos as variáveis independentes extralinguísticas: *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*, influenciando o uso de uma ou outra forma variante (registradas acima) e, a terceira hipótese foi comprovada parcialmente, pois apenas uma variável (*valer*, na P1SbPr) apresenta indícios de mudança em tempo aparente (idade) em direção ao aumento do uso da variante ‘padrão’ (*valha*) na *faixa etária* mais jovem.

Sendo assim, os resultados de todas as variáveis analisadas nos permitem dizer que a cidade aqui investigada não é tão diferente de outras cidades do Brasil, em que estudos sob o viés da Sociolinguística apontam para o compartilhamento, por parte dos informantes, dos mesmos efeitos (condicionantes externos) que regem o processo de variação.

Dessa feita, observamos que a comunidade investiga, referente à escrita, tende a fazer uso da forma considerada ‘padrão’ pelas gramáticas normativas.

Enfim, esperamos que esta investigação da escrita dos verbos *perder* e *valer*, ambas nas P1IdPr e P1SbPr, à luz da Teoria da Variação e Mudança na microrregião na cidade de Coari/AM, contribua, de certa forma, para o registro da escrita do coariense e, especificamente, para entendermos em quais contextos extralinguísticos restritivos os informantes preferem usar uma ou outra variante dos verbos *perder* e *valer*, nas P1IdPr e P1SbPr, respectivamente.

**CRONOGRAMA**

Segue abaixo planejamento proposto para o desenvolvimento desta pesquisa.

<b>Ano 2019</b>												
<b>Atividades</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Marc</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Agost</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Estudo das disciplinas obrigatórias			x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
Estudo das disciplinas eletivas			x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
Escrita da dissertação							x	x	x	x	x	x
<b>Ano 2020</b>												
<b>Atividades</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Marc</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Agost</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Escrita da dissertação		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Submissão ao Conselho de Ética						x	x	x				
Coleta dos dados									x	x	x	
Codificação dos dados	x	x	x	x	x	x						
Análise dos dados						x	x	x	x	x	x	x
<b>Ano 2021</b>												
<b>Atividades</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Marc</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Agost</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
Escrita da dissertação		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Qualificação				x								
Defesa da dissertação											x	
Escrita e submissão do (artigo)										x	x	x

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2014.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**; tradição gramatical, mídia & exclusão social. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 31. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática português**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004. 108p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALVET, Louis, Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Parábola. São Paulo, 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 47 ed. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

CARVALHO, Castellar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Lexikon, Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em < [https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ifam\\_amazonas](https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ifam_amazonas)>. Acesso em 10 de junho de 2021.

Disponível em: < [www.ufam.edu.br](http://www.ufam.edu.br) >. Acesso em 10 de junho de 2021.

Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coari>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/483714816216311097/>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

Disponível em: <<https://www.defensoria.am.def.br/post/defensoria-p%C3%BAblica-do-estado-vai-instalar-polo-no-munic%C3%ADpio-de-coari>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: Marcos Bagno (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61, 2002.

FARIAS, Anderson Luiz da Silva. **Um estudo variacionista sobre o sujeito pronominal em dados escritos da cidade de Manaus (Am)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas. 2020.

Freitag, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística, p. 17-74. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de (org.). **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em: 29 de setembro de 2020.

IBGE CIDADES. **Amazonas**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>. Acesso em: 27 agosto 2019.

KOCH, Ingedore Villaça; Souza-e- SILVA, Maria Cecília P de. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. 18. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

Marcos Bagno. **A norma oculta**: Língua e poder na sociedade brasileira. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões**. 2013. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MEDEIROS, Josué Cordovil. **Atlas Morfosintático de parte da Microrregião do Rio Negro-Solimões** – AMPRINES. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas. 2018.

MENDES, Ronald Beline. **Língua e variação**. In: FIORIN, José Luiz (Org.) et al. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.

MIGUEIS, Roberto. **Geografia do Amazonas**. Manaus: Valer, 2011.

MOLLICA, Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. Marai Luiza Braga. (orgs.). – 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4ª edição. Campinas: pontes, 2002.

NARO, Anthony J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, Anthony Julius. Modelos Quantitativos e Tratamentos Estatísticos. In: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 15-25.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 33- 42.

PAIVA, Maria da Conceição. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente do subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística: UFSC, 2012.

RIBEIRO, Raimundo Colares. **Amazonas: meu grande amor**. 4. ed. Manaus: Editora Silva, 2005.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for machintosh and windows**. Toronto: University Of Toronto, 2005.

SANTOS, Camilo Jaílton Martins dos. **A realização da vogal /o/ em posição tônica no falar paulivense –zona rural (Amazonas)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas. 2020.

SANTOS, Edjane Bispo dos. **A Língua Latina e as Especificidades dos Verbos Irregulares na Língua Portuguesa**. Revista Saberes UniAGES, Paripiranga, Bahia, Brasil, v. 1, n. 5, p. 23-30, jan./abr. 2017.

SILVA, Gisele Machline de Oliveira & PAIVA, Maria da Conceição de. A. **Visão de conjunto das variáveis sociais.** In: SILVA, Gisele Machline & SCHERRE, Marta (Org.). Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, UFRJ, 1998. p. 336-378.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 8. ed.- São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: parábola editorial, 2006.

<b>ANEXO 1 - FICHA DO INFORMANTE</b>
--------------------------------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM

Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL

Pesquisadora: Ana Miles de Souza Belém

**FICHA DO INFORMANTE**

Código do informante: .....

Nome:.....

Sexo: ..... Faixa etária:..... Idade:.....

Local de nascimento: .....

Estado civil:.....

Escolaridade:.....

Morou sempre na Cidade? ( ) Sim ( ) Não. Onde? .....

Quanto tempo? .....

Outros domicílios: .....

Profissão: .....

Outras atividades: .....

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas? Qual? .....

Características psicológicas: ( ) Calmo ( ) Nervoso ( ) Espontâneo

Naturalidade da mãe:.....

Naturalidade do pai:.....

Naturalidade do cônjuge:.....

Dispensado do serviço militar? ( ) Sim ( ) Não. Onde serviu? .....

Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados

Quais municípios do Amazonas você conhece? .....

Que outros estados você conhece? .....

**ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa *Análise de verbos irregulares perder e valer, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, em contexto variacional na zona urbana do município de Coari, Amazonas*, cujo pesquisador responsável é Ana Miles de Souza Belém. *O objetivo geral é:* Analisar os verbos irregulares perder e valer, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, na escrita dos moradores da zona urbana do município de Coari (Amazonas); *Os objetivos específicos são:* Conhecer as possíveis variantes que compõem a 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo, dos verbos irregulares perder e valer, pertencentes a 2ª conjugação; Descrever quais os grupos de fatores extralinguísticos que influenciam o uso de uma ou outra variante da variável que podem estar atuando no fenômeno em análise e Discutir se a variação no uso dos verbos irregulares perder e valer, na 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo e do subjuntivo na escrita dos moradores de Coari(AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança por meio da observação do tempo aparente (idade). O(A) Sr(a) está sendo convidado por que tem idade e nível de estudo que interessa esta pesquisa, ou seja, atende ao perfil que a pesquisa busca.

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço

Caso aceite participar sua participação consiste em preencher seus dados na ficha de informante e responder completando ao questionário com as perguntas referentes ao tema da pesquisa. Essas fichas serão anexadas ao trabalho impresso (dissertação) que será entregue aos avaliadores da pesquisa e caso seja preciso, poderei também fazer imagens suas, comprometendo-me respeitá-lo (la). Ou seja, não farei utilização das informações em prejuízo de sua imagem e/ou de sua comunidade, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são ter, possivelmente, seu nome relacionado aos falantes que não atendem à gramática normativa da língua.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: ajudar a mapear (compor) o cenário linguístico do Amazonas.

Se julgar necessário, o(a) Sr.(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Também estão assegurados ao(à) Sr.(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável ANA MILES DE SOUZA BELÉM a qualquer tempo para informação adicional no endereço e-mail: [anamilesbelem@gmail.com](mailto:anamilesbelem@gmail.com); no fone cel. 92 982104217.

O(A) Sr.(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: [cep@ufam.edu.br](mailto:cep@ufam.edu.br). O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

#### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Coari, Amazonas, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

**ANEXO 3 - O CORPUS**

<b>O CORPUS</b>					
<b>Homens</b>			<b>Mulheres</b>		
<b>Nome</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Nome</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>
h1M	1	M	m1M	1	M
h 1M	1	M	m1M	1	M
h 1G	1	G	m1G	1	G
h1G	1	G	m1G	1	G
h2M	2	M	m2M	2	M
h2M	2	M	m2M	2	M
h2G	2	G	m2G	2	G
h2G	2	G	m2G	2	G
h3M	3	M	m3M	3	M
h3M	3	M	m3M	3	M
h3G	3	G	m3G	3	G
h3G	3	G	m3G	3	G

**LEGENDA:****Gênero:**

**h** = homem;  
**m** = mulher.

**Faixa etária:**

**1** = 18 a 35 anos;  
**2** = 36 a 55 anos;  
**3** = +56 anos.

**Escolaridade:**

**M** = ensino médio completo;  
**G** = graduado e /ou especialista.

## ANEXO 4- QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS DO QMS			
INFORMANTE: CÓDIGO:	SEXO: IDADE:	ESCOLARIDADE:	DATA DA APLICAÇÃO:
QUESTIONÁRIO	PERGUNTAS	VARIANTE (S)	
Questão 1	Conteúdo: O que você/o (a) senhor (a) faz durante o dia?		
Questões de 2 a 6	<b>Verbo PERDER, na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.</b>		
QMS2	-Se um amigo ou amiga pede dinheiro emprestado, demora muito para pagar, e você está muito necessitado (a) dessa grana, mas sabe que se você cobrar, você corre o risco de perder a amizade dessa pessoa, você perde a amizade ou perde o dinheiro? Resp.: Eu.....o dinheiro. Ou, Eu .....a amizade.		
QMS3	Você/o (a) senhor (a) é uma pessoa cuidadosa ou é uma pessoa que perde as coisas facilmente? Resp.: Eu não..... as coisas facilmente. Ou, Eu..... as coisas facilmente.		
QMS4	Eu sou muito descuidada com algumas coisas. Moedas, por exemplo, é algo que costumo perder com muita frequência, principalmente as de valores mais baixos. E você /o (a) senhor (a) perde moedas com frequência? Resp.: Não, eu não....., Ou, Sim, eu.....		
QMS5	Quando você/o (a) senhor (a) está muito preocupado com algo, você perde o sono? Resp.: Sim, eu.....o sono. Ou, não, eu não .....o sono		
QMS6	Você/o (a) senhor (a) é uma pessoa de fé? ..... Quando as coisas dão erradas com muita frequência e a vida parece estar desarrumada completamente, você/o (a) senhor (a) perde a fé? Resp.: Não, eu .....a fé. Ou, sim, eu.....a fé.		
Questões 7 a 10	<b>Conteúdo: Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.</b>		
QMS7	Você/o (a) senhor (a) é uma pessoa de muito valor, isso significa dizer que você/o (a) senhor (a) vale... Resp.: Eu .....ouro. Ou, Eu não.....muito.		
QMS8	Para nossas famílias, temos muito valor sentimental. Sendo assim, você/o (a) senhor (a) vale...Resp.: Eu.....muito. Ou, Eu não.....muito.		
QMS9	Se uma pessoa enfrenta tudo pra ficar ao seu lado, é porque você vale... Resp.: Eu.....muito para ela.		
QMS10	Se você conheceu alguém muito rico, por exemplo, e esse alguém gastou toda a sua fortuna com joias, carros e móveis para dar de presentes a você, esse alguém fez isso porque você vale..... Resp. Eu .....muito para esse alguém.		
Questões de 11 a 15	<b>Conteúdo: Verbo PERDER, na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo.</b>		
QMS11	Se uma pessoa não gosta de mim, é possível que ela deseje que eu.....tudo que já conquisei.		
QMS12	Se eu sou uma pessoa ansiosa, possivelmente, hoje, eu .....o sono esperando por você.		
QMS13	Caso meus amigos cheguem atrasados, talvez eu .....a carona.		
QMS14	Sua amizade vale muito para mim e se eu estiver sendo desonesto (a), que eu.....a sua amizade.		
QMS15	É comum muitas pessoas desmoralizarem outras pessoas para assim ganhar espaço e a confiança de alguns chefes, por exemplo. Eu não concordo com isso peço aos deuses que eu.....tudo nessa vida, menos o meu caráter.		
Questões de 16 a 20	<b>Conteúdo: Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo.</b>		
QMS16	Que eu .....mais para você do que vali para ela.		
QMS17	Espero que eu .....muito para a minha família.		
QMS18	Desejo que eu .....mais hoje, do que vali no passado para aqueles ingratos.		
QMS19	Muitas pessoas costumam rotular as outras pelo dinheiro que têm. Eu não sou assim e espero não ser julgada assim. E <i>deveras</i> espero que eu.....mais que um julgamento preconceituoso.		
QMS20	Sobre o valor de ser profissional, espero que eu .....no meu trabalho pela minha produtividade e não por ter sido indicada por <i>alguém de nome</i> dentro da empresa.		

### Anexo 5 – Transcrição Grafêmica e Codificação *mulher*.

Codificação por sexo		
Informante Mulher – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)		
Codificação dos dados do Verbo <i>PERDER</i> , na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.		
IDENTIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA	CODIFICAÇÃO
001	Perco	(cM1m)
002	Perco	(cM1m)
003	Perco	(cM1m)
004	Perco	(cM1m)
005	Perco	(cM1m)
006	Perde	(iM1m)
007	<i>pergo</i>	(nM1m)
008	<i>Descuidada</i>	(sM1m)
009	Perco	(cM1m)
010	<i>Perderei</i>	(pM1m)
011	Perco	(cG1m)
012	Perco	(cG1m)
013	Perco	(cG1m)
014	Perco	(cG1m)
015	Perco	(cG1m)
016	Perco	(cG1m)
017	Perco	(cG1m)
018	Perco	(cG1m)
019	Perco	(cG1m)
020	Perco	(cG1m)
Informante Mulher – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)		
001	Perdo	(dM2m)
002	Perdo	(dM2m)
003	Perdo	(dM2m)
004	Perdo	(dM2m)
005	Perdo	(dM2m)
006	<i>Prefiro perder</i>	(aM2m)
007	Perco	(cM2m)
008	Perco	(cM2m)
009	Perco	(cM2m)
010	Perco	(cM2m)
011	Perco	(cG2m)
012	Perco	(cG2m)
013	Vivo perdendo	(vG2m)
014	Perco	(cG2m)
015	Perco	(cG2m)
016	Perco	(cG2m)
017	Perco	(cG2m)
018	Perco	(cG2m)
019	Perco	(cG2m)
020	Perco	(cG2m)
Informante Mulher – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)		
001	Prefiro perder	(aM3m)
002	Perco	(cM3m)
003	Perco	(cM3m)
004	Perco	(cM3m)
005	Perco	(cM3m)
006	Perco	(cM3m)
007	Perdo	(dM3m)
008	Perco	(cM3m)
009	Perco	(cM3m)
010	Perco	(cM3m)
011	Perdo	(dG3m)
012	Perdo	(dG3m)
013	Perdo	(dG3m)
014	Perdo	(dG3m)
015	Perco	(cG3m)
016	Perco	(cG3m)
017	Perco	(cG3m)
018	Perco	(cG3m)
019	Perco	(cG3m)
020	Perco	(cG3m)

<b>Codificação por sexo</b>		
<b>Informante Mulher – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
Codificação dos dados Verbo <i>PERDER</i> , na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo		
IDENTIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA	CODIFICAÇÃO
001	Perca	(kM1m)
002	Perco	(cM1m)
003	Perco	(cM1m)
004	Perca	(kM1m)
005	Perca	(kM1m)
006	Perder	(gM1m)
007	Perder	(gM1m)
008	Confuso	(uM1m)
009	Perda	(eM1m)
010	Perder	(gM1m)
011	Perca	(kG1m)
012	Perco	(cG1m)
013	Perca	(kG1m)
014	Perca	(kG1m)
015	Perca	(kG1m)
016	Perca	(kG1m)
017	Perca	(kG1m)
018	Perca	(kG1m)
019	Perca	(kG1m)
020	Perca	(kG1m)
<b>Informante Mulher – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Perca	(kM2m)
002	Perca	(kM2m)
003	Perca	(kM2m)
004	Perda	(eM2m)
005	Perda	(eM2m)
006	Perda	(eM2m)
007	Perderei	(pM2m)
008	Perda	(eM2m)
009	Perderei	(pM2m)
010	Perda	(eM2m)
011	Perca	(kG2m)
012	Perco	(cG2m)
013	Perca	(kG2m)
014	Perca	(kG2m)
015	Perca	(kG2m)
016	Perca	(kG2m)
017	Perderei	(pM2m)
018	Perca	(kG2m)
019	Perca	(kG2m)
020	Perca	(kG2m)
<b>Informante Mulher – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Perco	(cM3m)
002	Perco	(cM3m)
003	Perco	(cM3m)
004	Perco	(cM3m)
005	Perco	(fM3m)
006	Perca	(kM3m)
007	Perca	(kM3m)
008	Perca	(kM3m)
009	Perca	(kM3m)
010	Perca	(kM3m)
011	Perca	(kG3m)
012	Perco	(cG3m)
013	Perca	(kG3m)
014	Perca	(kG3m)
015	Perca	(kG3m)
016	Perda	(eG3m)
017	Perdo	(dG3m)
018	Perda	(eG3m)
019	Perderei	(pG3m)
020	Perda	(eG3m)

<b>Codificação por sexo</b>		
<b>Informante Mulher – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
<b>Codificação dos dados do Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.</b>		
IDENTIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA	CODIFICAÇÃO
001	Tenho valor	(fM1m)
002	Valo	(uM1m)
003	Valo	(uM1m)
004	Posso valer	(PM1m)
005	Valho	(SM1m)
006	Valho	(SM1m)
007	Valho	(SM1m)
008	Valho	(SM1m)
009	Valo	(uG1m)
010	Valo	(uG1m)
011	Valo	(uG1m)
012	Valo	(uG1m)
013	Valo	(uG1m)
014	Valo	(uG1m)
015	Valo	(uG1m)
016	Valo	(uG1m)
<b>Informante Mulher – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Valho	(SM2m)
002	Valho	(SM2m)
003	Valho	(SM2m)
004	Valho	(SM2m)
005	Tenho valor	(fM2m)
006	Tenho valores	(fM2m)
007	Valo	(uM2m)
008	Valo	(uM2m)
009	Valo	(uG2m)
010	Valo	(uG2m)
011	Valo	(uG2m)
012	Valo	(uG2m)
013	Valo	(uG2m)
014	Espero valer	(tG2m)
015	Devo valer	(DG2m)
016	Espero valer	(tG2m)
<b>Informante Mulher – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Valo	(uM3m)
002	Sem ocorrência	
003	Valo	(uM3m)
004	Valo	(uM3m)
005	Tenho valor	(fM3m)
006	Valo	(uM3m)
007	Valo	(uM3m)
008	Valo	(uM3m)
009	Valo	(uG3m)
010	Valo	(uG3m)
011	Valo	(uG3m)
012	Valo	(uG3m)
013	Valo	(uG3m)
014	Valo	(uG3m)
015	Devo valer	(DG3m)
016	Devo valer	(DG3m)

<b>Codificação por sexo</b>		
<b>Informante Mulher – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
Codificação dos dados do Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo.		
IDENTIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA	CODIFICAÇÃO
001	Confuso	
002	Possa valer	(RM1m
003	Possa valer	(RM1m
004	Possa valer	(RM1m
005	(confuso)	(RM1m
006	Valho	(oM1m
007	Valha	(HM1m
008	Valha	(HM1m
009	Valha	(HM1m
010	Valha	(HM1m
011	Vala	(aG1m
012	Vala	(aG1m
013	Vala	(aG1m
014	Vala	(aG1m
015	Vala	(aG1m
016	Valho	(oG1m
017	Valo	(LG1m
018	Valha	(HG1m
019	Valha	(HG1m
020	Tenha valor	(NG1m
<b>Informante Mulher – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Valho	(oM2m
002	Valho	(oM2m
003	Valho	(oM2m
004	Valho	(oM2m
005	Valho	(oM2m
006	Possa valer	(RM2m
007	Possa valer	(RM2m
008	Possa valer	(RM2m
009	Tenha mais valor	(OM2m
010	Confuso	(IM2m
011	Valha	(HG2m
012	Possa valer	(RG2m
013	Possa valer	(RG2m
014	Tenha valor	(OG2m
015	Possa valer mais	(RG2m
016	Confuso	(IG2m
017	Valer	(IG2m
018	Valer	(IG2m
019	Confuso	(IG2m
020	Confuso	(IG2m
<b>Informante Mulher – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Vala	(aM3m
002	Valo	(LM3m
003	Vala	(aM3m
004	Vala	(aM3m
005	Vala	(aG3m
006	Valo	(LG3m
007	Valo	(LM3m
008	Valo	(LM3m
009	Vala	(aM3m
010	Valor	(SM3m
011	Vala	(aG3m
012	Vala	(aG3m
013	Vala	(aG3m
014	Vala	(aG3m
015	Vala	(aG3m
016	Vala	(aG3m
017	Valer	(IG3m
018	Vala	(aG3m
019	Vala	(aG3m
020	Vala	(aG3m

### ANEXO 6: Transcrição Grafêmica e Codificação *homem*

Codificação por sexo		
Informante homem – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)		
Codificação dos dados Verbo <i>PERDER</i> , na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.		
IDENTIFICAÇÃO	OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA	CODIFICAÇÃO
001	Prefiro perder	(AM1h)
002	Perco	(cM1h)
003	Perco	(cM1h)
004	Perco	(cM1h)
005	Perco	(cM1h)
006	Perco	(cM1h)
007	Perco	(cM1h)
008	Perco	(cM1h)
009	Perco	(cM1h)
010	Perco	(cM1h)
011	Perco	(cG1h)
012	Perco	(cG1h)
013	Perco	(cG1h)
014	Perco	(cG1h)
015	Sem ocorrência	(mG1h)
016	Perco	(cG1h)
017	Perco	(cG1h)
018	Perco	(cG1h)
019	Perco	(cG1h)
020	Perco	(cG1h)
Informante homem– 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)		
001	Sem ocorrência	(mG1h)
002	Perco	(cM2h)
003	Perco	(cM2h)
004	Perdo	(dM2h)
005	Perco	(cM2h)
006	Prefiro perder	(AM2h)
007	Perco	(cM2h)
008	Costumo perder	(rM2h)
009	Perco	(cM2h)
010	Perco	(cM2h)
011	Perco	(cG2h)
012	Perco	(cG2h)
013	Perco	(cG2h)
014	Perco	(cG2h)
015	Perco	(cG2h)
016	Perderia	(bG2h)
017	Perderia	(bG2h)
018	Costumo perder	(rM2h)
019	Costumo perder	(rM2h)
020	Perco	(cM2h)
Informante homem – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)		
001	Perco	(cM3h)
002	Perco	(cM3h)
003	Perco	(cM3h)
004	Perco	(cM3h)
005	Perco	(cM3h)
006	Perco	(cG3h)
007	Prefiro perder	(AG3h)
008	Prefiro perder	(AG3h)
009	Prefiro perder	(AG3h)
010	Prefiro perder	(AG3h)
011	Prefiro perder	(AG3h)
012	Perco	(cG3h)
013	Sem ocorrência	(mG3h)
014	Perco	(cG3h)
015	Perco	(cG3h)
016	Perco	(cG3h)
017	Perco	(cG3h)
018	Perco	(cG3h)
019	Sem ocorrência	(mG3h)
020	Perdo	(dG3h)

<b>Codificação por sexo</b>		
<b>Informante homem – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
<b>Codificação dos dados Verbo PERDER, na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo.</b>		
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
001	Perca	(kM1h)
002	Perco	(KM1h)
003	Perca	(kM1h)
004	Perca	(kM1h)
005	Perca	(kM1h)
006	Perca	(kM1h)
007	Perca	(kM1h)
008	Perca	(kM1h)
009	Perca	(kM1h)
010	Perca	(kM1h)
011	Perca	(kG1h)
012	Perderei	(jG1h)
013	Perderei	(jG1h)
014	Perca	(kG1h)
015	Perca	(kG1h)
016	Perca	(kG1h)
017	Possa perder	(EG1h)
018	Perca	(kG1h)
019	Possa perder	(EG1h)
020	Possa perder	(EG1h)
<b>Informante homem – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Perda	(eM1h)
002	Perdo	(BM1h)
003	Perda	(eM1h)
004	Perda	(eM1h)
005	Perda	(eM1h)
006	Perda	(eM1h)
007	Perco	(KM1h)
008	Perca	(kM1h)
009	Perda	(eM1h)
010	Perda	(eM1h)
011	Perca	(kG1h)
012	Perdi	(qG1h)
013	Perca	(kG1h)
014	Perca	(kG1h)
015	Perca	(kG1h)
016	Perca	(kG1h)
017	Perca	(kG1h)
018	Perco	(KG1h)
019	Perca	(kG1h)
020	Perco	(KG1h)
<b>Informante homem – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Perca	(kM3h)
002	Perca	(kM3h)
003	Perca	(kM3h)
004	Perca	(kM3h)
005	Perca	(kM3h)
006	Perca	(kM3h)
007	Perca	(kM3h)
008	Perca	(kM3h)
009	Perca	(kM3h)
010	Perca	(kM3h)
011	Perdo	(BG3h)
012	Perdo	(BG3h)
013	Perda	(eG3h)
014	Perder	(FG3h)
015	Perder	(FG3h)
016	Perco	(KG3h)
017	Perco	(KG3h)
018	Perco	(KG3h)
019	Vou perder	(VG3h)
020	Perco	(KG3h)

<b>Codificação por sexo</b>		
<b>Informante homem – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
<b>Codificação dos dados do Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo.</b>		
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
001	Vale	(QM1h)
002	Valo	(uM1h)
003	Vale	(QM1h)
004	Vale	(QM1h)
005	Valo	(uM1h)
006	Valo	(uM1h)
007	Valo	(uM1h)
008	Valo	(uM1h)
009	Valho	(SG1h)
010	Valho	(SG1h)
011	Valho	(SG1h)
012	Valho	(SG1h)
013	Valho	(SG1h)
014	Valho	(SG1h)
015	Valho	(SG1h)
016	Valho	(SG1h)
<b>Informante homem – 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Valho	(SM2h)
002	Valho	(SM2h)
003	Valo	(SM2h)
004	Valho	(SM2h)
005	Valho	(SM2h)
006	Valho	(SM2h)
007	Valho	(SM2h)
008	Valho	(SM2h)
009	Valho	(SG2h)
010	Valho	(SG2h)
011	Valho	(SG2h)
012	Valho	(SG2h)
013	Pessoa que vale	(xG2h)
014	Pessoa que vale	(xG2h)
015	Valho	(SG2h)
016	Valho	(SG2h)
<b>Informante homem – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Valho	(SM3h)
002	Valho	(SM3h)
003	Valho	(SM3h)
004	Valho	(SM3h)
005	Valho	(SM3h)
006	Valho	(SM3h)
007	Valho	(SM3h)
008	Valho	(SM3h)
009	Valhio	(CM3h)
010	Valhio	(CM3h)
011	Valho	(SG3h)
012	Valho	(SG3h)
013	Tenho valor	(fG3h)
014	Tenho valor	(fG3h)
015	Valo	(uG3h)
016	Valo	(uG3h)

<b>Codificação por gênero</b>		
<b>Informante homem – 1ª Faixa etária (de 18-35 anos)</b>		
<b>Codificação dos dados Verbo VALER, na 1ª pessoa do singular, no presente do subjuntivo.</b>		
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIA/TRANSCRIÇÃO GRAFÊMICA</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
001	Possa valer	(GM1h)
002	Possa valer	(GM1h)
003	Possa valer	(GM1h)
004	Possa valer	(GM1h)
005	Possa valer	(GM1h)
006	Vale	(TM1h)
007	Vale	(TM1h)
008	Vale	(TM1h)
009	Valo	(LM1h)
010	Vale	(TM1h)
011	Valho	(oG1h)
012	Valho	(oG1h)
013	Valho	(oG1h)
014	Valha	(HG1h)
015	Valho	(oG1h)
016	Valho	(oG1h)
017	Valha	(HG1h)
018	Valha	(HG1h)
019	Valho	(oG1h)
020	Valha	(HG1h)
<b>Informante homem– 2ª Faixa etária (de 36 - 55 anos)</b>		
001	Valho	(oM2h)
002	Valo	(LM2h)
003	Valho	(oM2h)
004	Valo	(LM2h)
005	Valo	(LM2h)
006	Vala	(aM2h)
007	Valha	(HM2h)
008	Valha	(HM2h)
009	Valha	(HM2h)
010	Vala	(aM2h)
011	Valo	(LG2h)
012	Valo	(LG2h)
013	Valo	(LG2h)
014	Vala	(aG2h)
015	Vala	(aG2h)
016	Tenha valor	(NG2h)
017	Possa valer	(ZG2h)
018	Possa valer	(ZG2h)
019	Possa valer	(ZG2h)
020	Possa valer	(ZG2h)
<b>Informante homem – 3ª Faixa etária (de 56 anos em diante)</b>		
001	Valho	(oM3h)
002	Valha	(HM3h)
003	Valha	(HM3h)
004	Valha	(HM3h)
005	Valha	(HM3h)
006	valha	(HM3h)
007	valha	(HM3h)
008	valha	(HM3h)
009	valha	(HM3h)
010	valha	(HM3h)
011	Valhe	(zG3h)
012	Valhe	(zG3h)
013	Valhe	(zG3h)
014	Valhe	(zG3h)
015	Valhe	(zG3h)
016	Vala	(aG3h)
017	Vala	(aG3h)
018	Vala	(aG3h)
019	Sem ocorrência	(yG3h)
020	Vala	(aG3h)